

PROVÍNCIA DE NIASSA

Posto administrativo de Cóbue, distrito do Lago - 2006

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoje!

(Hoje!)

Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoje!

(Hoje!)

Província de Niassa hoje!

(Hoje!)

Província de Niassa hoje!

(Hoje!)

Distrito do Lago hoje!

(Hoje!)

Distrito do Lago hoje!

(Hoje!)

Cóbue hoje!

(Hoje!)

Cóbue hoje!

(Hoje!)

Cóbue hoje!

(Hoje!)

(Palmas)

Muito bom dia! **(Bom dia!)**

Falta pouco para ser tarde. Daqui a pouco dá meio-dia. Mas aqui nós tivemos a sorte. A nossa reunião começou antes de ser tarde. Começou de dia mas vai terminar a tarde, naturalmente. Depois do meio-dia!

Primeiro eu gostaria de agradecer a população de Cóbue. Desde que aqui chegamos, fomos rodeados de muito carinho. **(Palmas)** De muita amizade. Ali onde aterrou o helicóptero, logo vimos a alegria na cara das pessoas. Mas também vimos aquelas nossas belas danças. As mulheres a dançarem maravilhosamente **njona**. E os homens a dançarem muitíssimo bem **mukantha**. Estamos em festa! Muito obrigado, por isso! **(Palmas)**

Tivemos também oportunidade de visitar dois projectos. Um ali onde ensina costura, e outro aqui mesmo pertinho onde se ensina carpintaria. E nestes projectos encontramos mestres que estão preocupados em transmitir conhecimentos a nossa população. Quando o curso terminar, teremos mais pessoas que sabem coser camisas, calças,

vestidos. E também quando terminar o curso aqui na carpintaria, teremos mais gente que sabe fazer estrados, portas, cadeiras... Aqui teremos mais gente que sabe fazer portas, cadeiras. Que sabem construir casas! Isso significa que Cóbue está a trabalhar. Está a ensinar como trabalhar. E o País constrói-se trabalhando. Mas, naturalmente, isso não é tudo que se passa aqui em Cóbue. Em Cóbue há mais coisas. E como me disseram quando estava em Metangula, os vossos representantes disseram: **vá para lá e vão vos dizer. Vão dizer-vos e vão mostrar-vos o que é Cóbue!** Por isso, estamos aqui. Para ouvir, para ver e através disso para aprender. E aprendendo vamos ter mais força. Mais forças para combater o inimigo número um dos moçambicanos.

O inimigo número um de todos os moçambicanos é a pobreza! E nós temos que combater e vencer a pobreza. Temos que lembrarmos as grandes tradições de Cóbue. Cóbue é terra de Samuel. Paulo Samuel Kankhomba, herói deste País que deu exemplo na Luta pela nossa Libertação. Cóbue e seu filho participaram activamente na Luta de Libertação. Fizeram da necessidade de nos libertarmos. Nós acreditamos que Cóbue, tal como no passado, hoje também poderá ser exemplo. Exemplo da luta contra a pobreza. Da luta contra a pobreza, para ser a pobreza vencida. Para lutar e vencer a pobreza! Por isso aqui nós estamos para ouvir, para ver, aprender e ganhar mais força para todos nós lutarmos e vencermos contra a pobreza!

Afinal de contas, a pobreza o que é?

A pobreza é a falta daquilo que é básico para a nossa vida. E toda a gente tem direito a ter aquilo que é básico. Deve ter água para beber. Deve ter roupa para vestir. Deve ter comida para comer. Deve ter casa onde viver. Mas ainda existem Moçambicanos que não tem isso, apesar dos esforços que continuam a ser feitos pelo nosso Governo. A pobreza não quer escola para estudar. Mas existem Moçambicanos, incluindo aqui em Cóbue, que não tem escola para estudar. Terminam o ensino primário e depois não tem possibilidade de continuar, isso é pobreza e nós queremos combater isso! **(Palmas)** ...para podermos acabar com a pobreza!

Fome e não ter estrada. Não ter a estrada. É verdade que o Estado fez muito. Já temos uma escola primária. Várias escolas primárias, mas ainda não temos escola secundária aqui e essa é a nossa vantagem. **(Palmas)**

A estrada ainda está a ser preparada, mas a estrada ainda não está boa. Daqui para Metangula ainda não está boa... **(Palmas)** ...É por isso que nós dizemos que queremos combater e continuar a combater a pobreza!

A pobreza não se elimina num dia. É preciso trabalhar. Trabalhar muito, durante muito tempo. E os Moçambicanos deram provas de serem capazes de fazer isso. Nós, os Moçambicanos, mostramos no passado que quando nós queremos, nós unimo-nos e nós afastamos os obstáculos. Quando nós queremos, unimo-nos desde o Nsingue, do Rovuma até ao Maputo, desde o Indico até ao Zumbo, e afastamos os obstáculos! Nós, os Moçambicanos, sabemos disso! Cóbue tem exemplo também disso. Eu falei de Kankhomba. É um destes moçambicanos que veio da pobreza. Teve coragem de avançar para poder resolver o problema do seu povo. Por isso mesmo, nós temos experiência. Temos a missão! Quando nós tínhamos colonialismo neste país, quando este país era governado por estrangeiros, nós Moçambicanos do Rovuma até ao Maputo – falando Nyanja, falando Yao, falando Macua, falando Chimaconde, falando Ndau, falando Chissena, falando Changane, falando Chitsua, falando todas as línguas desse nosso belo País – falamos-nos. Juntamos-nos dançando mapiko. Outros dançando makwaio. Outros dançando chioda. Outros dançando mukhanta, juntamos-nos e utilizamos essa

nossa energia para poder afastar o obstáculo. E o obstáculo que nós tínhamos naquela altura é que o nosso país não era governado por nós. Era governado por estrangeiros. Eles é que decidiam onde se deve construir uma escola. Eles é que decidiam onde é que se deve construir um hospital. E, naturalmente, como eram estrangeiros, as escolas e os hospitais construía ali onde eles vivem. Ali onde eles viviam. Construía em Vila Cabral. Construía em Nova Américo. Não construía noutros lugares, porque ali não estavam os filhos deles! Eram estrangeiros! Mas nós, tínhamos que afastar esse obstáculo para termos também escolas em Lichinga. Para termos escolas em Cuamba. Também para termos escolas em Metangula. Também temos escolas em Metarica, mas também temos escolas em Cóbue... **(Palmas)**

É por isso, que o obstáculo começa a ser afastado. Os moçambicanos uniram-se do Rovuma ao Maputo para afastar o colonialismo. E o colonialismo saiu e ficamos nós a governar o nosso País. Mas depois veio a guerra. A guerra que criou problemas. Não podíamos andar nas estradas. Não podíamos ser tratados nos hospitais. Não podíamos estudar nas escolas. Nem podíamos dormir nas nossas casas. Nem podíamos cultivar. Então, os moçambicanos, de novo nós moçambicanos, de novo unimo-nos do Rovuma ao Maputo para afastar a guerra. Para acabar com a guerra e vivermos em Paz! Hoje nós temos a paz. Hoje nós temos a paz! Nós construímos esta paz! **(Palmas)**

Nós construímos esta paz, assim como nós construímos a nossa Independência! Agora há um outro obstáculo que restou. O obstáculo colonialismo afastado! O obstáculo guerra afastado! Agora falta o obstáculo pobreza! E devemos nos juntar todos para acabar com a pobreza! **(Palmas)**

Se nós quisermos acabar com a pobreza, tal como quisemos acabar com o colonialismo - e acabou; como quisemos acabar com a guerra - e acabou; nós também podemos acabar com a pobreza! Nós também vamos acabar com a pobreza! Não vai acabar num dia. Nem num ano. Mas vai acabar! Os moçambicanos são um povo orgulhoso. É um povo que gosta de si próprio. É um povo respeitador. É um povo trabalhador. É um povo que valoriza a sua História. Por isso mesmo, os moçambicanos unidos vão acabar com a pobreza.

Cóbue hoye! **(Hoye!)**

Moçambique hoye! **(Hoye!)**

Eu disse que vim aqui para ouvir, para ver, para aprender e para ter mais força, nós todos, para acabar com o obstáculo que restou! Mas antes de entrarmos nesse capítulo, eu vou pedir os companheiros que estão comigo para se apresentarem. Para conhecerem alguns dirigentes nossos ao nível central e também para conhecerem alguns responsáveis que trabalham lá preocupados com Rovuma até Maputo, Maputo até Rovuma, incluindo Nsingue também!

(Seguem-se as apresentações)

Temos problemas da pesca. Temos problemas de estrada. E temos outros problemas que conhecem e que eu não conheço. Por isso, eu pedia que viessem aqui dez cidadãos. Podem ser homens. Podem ser mulheres. Podem ser crianças. Podem ser jovens. Podem ser adultos. Podem ser idosos. Qual é a situação e o que é que podemos fazer todos nós juntos para avançarmos na luta contra a pobreza?

(Seguem-se as intervenções dos cidadãos)

(...)

Eu agradeço aquilo que foi a vossa ajuda. Quando apresentam a vossa maneira de ver os problemas, isso é uma grande ajuda. Porque é juntando as diferentes maneiras de ver de cada um de nós, que formamos o verdadeiro dos moçambicanos. E nós aqui tivemos oportunidade também de ver as vossas preocupações, que são preocupações moçambicanas. Como eu disse no princípio, nós viemos aqui para ouvir e aprender. Aprender sobretudo como é que todos nós podemos marchar na luta contra a pobreza. E quando nós todos vemos as questões da mesma maneira, então será mais fácil sermos bem definidos, termos bons resultados. Por isso, obrigado pela vossa contribuição!

Eu não vou comentar sobretudo aquilo que aqui foi dito. Aquilo, tudo aquilo que foi dito está registado. Falaram aqui da estrada que ainda não está completa. Disseram aqui que Cóbue devia ter maior capacidade de decisão. Disseram aqui que os centros de saúde que estão aqui são muitos, mas falta ainda um centro maior. Falaram aqui da necessidade da energia. Falaram aqui de problemas do emprego. Falaram do desemprego daqueles estudaram que não encontram emprego cá e quando chegam em Metangula ou em Lichinga encontram o emprego já foi tomado por outros. Falaram aqui dos órfãos, pais vítimas de SIDA e perguntaram como ajudá-los. Falaram também de órfãos dos combatentes da Luta de Libertação Nacional, e que são pequeninos e que morreram, portanto, os pais. E falaram dos órfãos da guerra de desestabilização.

É preciso recordar uma coisa pequena somente. A Guerra de Libertação terminou em 1974. A proclamação da Independência foi em 1975. Já passaram 30 anos. Portanto, não há muitas crianças órfãs com 30 anos! Mas de certeza que há crianças que necessitam de apoio nosso!

Falaram dos serviços do registo civil que nós não temos aqui. Falaram do telefone e nós não temos aqui. Falaram do correio: as cartas são transportadas nos bolsos porque não há serviço dos correios. Disseram que precisam de mais furos de água. Disseram que não conhecem onde fica o limite com Lilongwe¹. Falaram da reserva florestal, e que dizem que querem mais apoio dos investidores e que não haja confusão. Que haja harmonia entre os investidores e os moçambicanos que vivem nessa zona. De facto, as reservas florestais para aumentar o emprego e a riqueza do nosso povo, nós encorajamos que eles investissem para melhorar o trabalho e a vida do nosso povo trabalhador.

Falaram aqui de alguns camaradas nossos que fizeram trabalho da Frelimo naquele tempo e que dizem que não houve atenção suficiente sobre eles. Esse ponto foi apresentado duas vezes: primeiro pelo camarada Francisco e depois pelo camarada... já me esqueci o nome dele.

Falaram ainda da falta de armazéns, armazenistas, em Cóbue para comprar e vender.. e abastecer bem Cóbue. Falaram de falta de instalações e transporte para a polícia em Cóbue. Falaram também da necessidade de os empresários investirem e darem trabalho aqui em Cóbue também.

Apelaram aqui para organizarmos melhor as minas de Lupilichi – de ouro – onde de facto há confusão e as vezes há crime. E muitas vezes falta-se respeito pelos moçambicanos, e como se isso fosse pouco enchem as águas do rio de mercúrio e vem despejar as águas aqui, ou noutra lado. E chegando aqui pode matar peixe e pode fazer mal as pessoas que usam essa água!

¹ Inaudível

Disseram ainda que o Governo, o Presidente e a Frelimo abandonou. Não há comida nem há militares que recebem alguma coisa tipo militar. Falaram dos trabalhadores que não têm casa. E falaram ainda... entregaram uma mensagem da Associação dos Pescadores e, naturalmente, entregaram também peixe que devemos levar até Maputo. Muito obrigado!

Falaram de problemas que há na construção de estradas. E, finalmente, pediram ajuda aos desmobilizados. Isso tudo que aqui está, mostra a vossa preocupação não somente para resolver problemas individuais. É preocupação em resolver problemas do povo. Aquilo que nós chamamos problema de desenvolvimento. Ali onde há problema, se for resolvido vai resolver problema de muita gente. Se houver investimento vai dar trabalho a muita gente. Se parar os abusos em Lupilichi nas minas, isso vai permitir que mais gente moçambicana viva uma vida melhor. São problemas de desenvolvimento e nós pensamos que devemos aprender disso. Do espírito da população de Cóbue de preocupar-se pelo bem-estar de todos!

Eu vou somente falar de dois aspectos. O primeiro aspecto tem a ver com a ajuda que o Governo pode dar às pessoas que fizeram trabalho. E o segundo aspecto é como é que nós podemos caminhar nessa fase para o desenvolvimento. O primeiro ponto que queria esclarecer, aquilo que está na lei para apoiar Moçambicanos que estiveram no exército ou que fizeram na Luta de Libertação Nacional – aquilo que está na lei – é nossa preocupação aplicar. Quando nós dissemos que queremos combater a pobreza, significa também aplicar aquilo que está na lei. Mas, as vezes, temos dificuldades. Felizmente estão bem identificadas essas dificuldades e as instituições estão a trabalhar para resolver essas dificuldades. Um dos problemas é o burocratismo. Pessoas que para resolver os problemas embrulham-se nos papéis. Metem a cabeça dentro dos papéis e não conseguem ler os papéis...

(...)

Mais emprego no Lago. Mais emprego na província. Mais emprego no país. Essa é que devia ser a nossa área: dar trabalho as pessoas. Para fazer isso, o vosso Governo, o Governo da Frelimo, decidiu – apesar de não ter dinheiro, porque o dinheiro é pouco e o Governo também é pobre – decidiu dar a cada distrito sete biliões de meticais por ano. Entregaram ao distrito, aqui em Metangula ali. Receberam sete biliões para todo o distrito: Cóbue e outras partes! Essa é a decisão do Governo. E é para quê esse dinheiro?

É para o Conselho Consultivo Distrital, que tem representações que vem de Cóbue e de outros pontos, decidir como com aquele dinheiro, arranjar emprego para as pessoas. Ajudar aqueles empresários que estão a criar emprego, para criar emprego e resolver os problemas das populações. E depois devolverem esse dinheiro para entregar-se a outros empresários, outras associações para também arranjar emprego. E depois devolver. E depois entregar a outros também! Aqui tem sorte. Já tem aquela carpintaria. Já tem alfaiataria. Certamente que tem associações de pesca, como se disse aqui. E talvez de agricultura. O dinheiro deve ser para o desenvolvimento. E para nós, desenvolvimento significa projecto que cria mais emprego. Ganha dinheiro de novo e passa a ser forte para ser dado a outro. Porque sete biliões é muito dinheiro. É muito dinheiro sim, se for para uma pessoa ou para duas pessoas: até nem podemos saber como gastar! Mas é pouco dinheiro quando nós somos muitos assim! É por isso, que os vossos representantes no Conselho Consultivo Distrital devem preocupar-se em tratar de questões muito sérias: como criar emprego?

Puseram aqui um problema. Não há falta de funcionário, mas temos ali carpintaria... e aí a população sabe fazer bom tijolo. Esse dinheiro podia servir para comprar tijolo para dar emprego da construção! O distrito tem que resolver esse problema. E o Conselho Distrital que está aqui no distrito, que conhece o distrito, deve ser capaz de escolher qual é... como utilizar melhor esses poucos recursos! Nós acreditamos que não é possível resolver problemas do desenvolvimento aqui no distrito, sem ser com a participação da população do distrito. Mas os Conselhos Distritais, os Conselhos dos postos administrativos, os Fóruns das localidades quando funcionarem bem, havemos de ver mais emprego. Havemos de ver mais emprego e isso é que vai resolver o problema!

Esse problema dos Conselhos, o Conselho Consultivo é tão importante e nós depois daqui vamos ter reunião com o Conselho para ouvir como é que estão a trabalhar. Que dificuldades existem, porque haverá certamente muitas dificuldades! Mas nós acreditamos que aqueles que estão lá no Conselho têm capacidade para resolver e vão ter todo o nosso apoio. E o nosso objectivo é resolver lá onde a população vive!

Há um segundo ponto que é último, ainda sobre o desenvolvimento. Conhecem jatrophia?

Conhecem euripede² Há uma planta parecida com euri... e cresce em qualquer lugar. Em muitos lugares do nosso país as pessoas conhecem. Num lugar chama-se nuco. Noutras partes chama-se galamaluco... qual é o nome em Metarica? **Cholocotó**. Eu penso que aqui também tem, é que nós não trouxemos. Mas é uma planta que nasce em qualquer lugar sobretudo para terras como esta. Esta planta tem um fruto castanho-escuro, e esse fruto quando é esmagado extrai-se óleo. A planta põe-se hoje e fica mais de vinte de anos. E depois de algum tempo começa a dar fruta e esse fruto de onde se extrai óleo. Esse óleo que sai dali pode ser utilizado como petróleo de iluminação para chaminé. O óleo e pronto se acende! É como se fosse petróleo. Uma pessoa que tem essa planta no seu quintal, e se são muitas pode fazer petróleo ali em casa em vez de ir comprar na loja. Ou então se forem muitas plantas, pode fazer muito óleo e pode vender para as pessoas mais barato do que aquele óleo que vem de muito longe que não podemos produzir aqui.

Esse mesmo óleo que eu estou a dizer aqui pode ser utilizado ... aquele barulho o que é? Aquele barulho é de quê? **(Gerador!)**

Aquele gerador pode funcionar com esse óleo. Motorizada pode funcionar com esse óleo. Tractor pode funcionar com esse óleo. Portanto, se aparecerem jovens, aqueles que eu conheço que são muito dinâmicos, podiam começar a produzir a planta e depois com isso começar a vender petróleo aqui para as pessoas não terem que comprar aquele outro petróleo que vem de longe que é caro. Aqui aqui haviam de vender mais barato. Aqui para termos o gerador a funcionar é preciso meter esse óleo. Mas como nós ainda não vimos, é difícil compreender. Por isso, haverá pessoas que hão-de vir para aqui, para vir explicar mostrando como é que as coisas acontecem. E para isso, queria apelar os nossos professores e as nossas escolas para poderem utilizar isso no ensino, para não dependermos daquele outro óleo. Ou para dependermos pouco do outro óleo, para resolvermos os nossos problemas.

² Inaudível

Essa é uma forma de combater a pobreza. Aqueles que compram o petróleo de iluminação, vão comprar menos. Aquele que tem motorizada e não pode andar porque não tem dinheiro para comprar diesel, pode produzir o seu diesel. Os distritos que tem gerador e que não funciona porque não têm óleo, porque não tem diesel, pode também produzir esse óleo chamado biodiesel. Esses são os caminhos do desenvolvimento. Se acreditarem como eu que a pobreza pode acabar, então encontremos caminhos concretos para acabar com a pobreza! Não esperemos! Não esperemos pela sorte. A sorte nunca vem! A sorte nunca desvia o caminho dele para vir para aqui. A sorte não desvia no caminho: está a passar assim. Não desvia caminho para vir ter comigo. Para poder ter peixe, não é preciso ter sorte. É preciso trabalhar e saber onde há peixe. O peixe não sai dali da água do nhanja ali, para vir para aqui. A sorte não vem. A sorte vai-se buscar e vai-se buscar com trabalho! E hã-de ver, quanto mais nós tomarmos a decisão de ir buscar a sorte, a nossa pobreza há-de ir diminuindo. Mas se cruzarmos os braços à espera da sorte, vamos continuar pobre. Vamos continuar a lamentar. Sempre a lamentar e estaremos com a mão estendida, a pedir sempre aos outros. A pedir comida. A pedir roupa, com uma terra tão rica como esta e sermos nós capazes de trabalhar e sobretudo nós que somos capazes de trabalhar. Já mostramos nas terras dos outros que trabalhamos. Quando estamos no Malawi, trabalhamos. Quando estamos na África do Sul, trabalhamos. Não é verdade? Agora, temos que trabalhar a nossa terra. A terra dos nossos avós, que morreram e deixaram para nós, para podermos desenvolvermos o nosso País!

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Cóbue hoye!

(Hoye!)

Cóbue hoye!

(Hoye!)

Zicomo kwa mbiri!

(Palmas)

INTERVENÇÃO DE SAUDAÇÃO À POPULAÇÃO NA INAUGURAÇÃO DA PONTE BIBI ACHIVANGILA, DISTRITO DE MAJUNE - 2006

Província de Niassa hoye!

(Hoye!)

Província de Niassa hoye!

(Hoye!)

Distrito de Majune hoye!

(Hoye!)

Distrito de Majune hoye!

(Hoye!)

Ponte Rainha Achivangila hoye!

(Hoye!)

Ponte Bibi Achivangila hoye!

(Hoye!)

Muito bom dia!

(Bom dia! Palmas)

Em 2003, eu ainda estava em campanha, passei por esta estrada. Vinha de Lichinga a caminho da sede de Majune. A estrada era difícil. Levamos muito tempo, sobretudo naquelas montanhas ali depois do Litundo ali. Não havia asfalto. Não havia alcatrão. E quando chegamos ali naquelas árvores, não havia ponte na altura. Quando chegamos a aquelas árvores ali, encontramos população dali. E então, um cidadão moçambicano leu uma mensagem. E na mensagem mostrava claramente que tinham dúvidas de que a ponte seria construída. Diziam que já prometemos várias vezes! E então, eu disse a esse cidadão que estava ali: mas o Governo prometeu começar quando? E ele disse: nós ainda não tínhamos chegado a essa parte! Se não estou em erro, foi em Setembro que passamos por aqui, de 2003. E aquilo que se tinha prometido é que havia de começar nos fins de Setembro ou princípios de Outubro. Mas ele não acreditava. Não acreditava. Certamente juntamente com outros elementos da população, quando acordava da sua casa e via o Luambala a correr dia e noite, noite e dia, Luambala grande... não acreditava que podia passar sem ser difícil. Não acreditava que havia de haver ponte!

Eu dou razão. Eu dou razão. Quando nós queremos uma coisa, nós não acreditamos que essa coisa havemos de ter. Olhamos para a coisa, mas custa acreditar. Queremos acreditar, mas de facto, quando abrimos os olhos não está lá a coisa. Se alguém tem fome – quer comer. Mas quando abre os olhos, vai para a cozinha – panela não tem nada. Vai para o celeiro, celeiro não tem nada. Se alguém disser há-de vir comida aqui, ele quer acreditar... Quantas vezes não morreu a trabalhar? Quantas vezes não sofreu a trabalhar? Por isso, não acreditavam que podia haver ponte aqui. E hoje, nós temos a ponte. A ponte está aqui: Bibi Achivangila! **(Palmas)**

E traz... E traz História deste País. História dos nossos antepassados. Aqueles que viveram aqui antes de nós e que deixaram connosco... Aqueles que talvez viram essa árvore crescer. Aqueles que talvez plantaram aquela mangueira e foram-se embora e disseram: aquela árvore é para fazer sombra dos Moçambicanos. Aquele mangueira é

para dar manga aos nossos filhos. Achivangila tem História! História para nós. Nossa História. Dos nossos antepassados. Do grande Rei, de Mataca que passava por aqui e ia para Nova Guanja. E ia até perto do Lago! Achivangila, recorda o nosso passado. Aqueles que nos deixaram esta terra. Aqueles que nos ensinaram a língua. Aqueles que nos ensinaram os costumes. E aqueles que souberam defender esta terra!

Achivangila Primeira viveu muito tempo. Já passaram 100 anos! Mas, aquilo que fez está aqui: criou amizade entre o povo. Ajudou o Rei a resolver problemas. Veio o Matola, depois da morte do Mataca, também foi ajudado. E essa zona onde nós estamos, passou a ser a zona onde as pessoas quando tinham dificuldades, corriam, vinham para cá. Sabiam que vão encontrar Achivangila que vai ser capaz de tratar deles. Vai ser capaz de defende-los. Por isso, ao abirmos esta ponte e ao darmos o nome da Achivangila, nós estamos a agradecer os nossos antepassados. Estamos a dizer que aquilo que deixaram para nós, nós estamos a continuar a tomar conta e também a desenvolver. O rio que nós temos aqui, o Luambala, que era difícil atravessar. Por causa daquilo que eles produziram, hoje já podemos ser...

Por isso eu quero agradecer: Agradecer a população de Majune. Agradecer a nossa História. Nós Moçambicanos, desde o Rovuma até Maputo, temos sorte. Temos antepassados que trabalharam para nós. Que criaram esta pátria que temos. Que criaram o amor entre os homens, como a Rainha Achivangila. É nosso orgulho, de todos os moçambicanos, desde o Rovuma até ao Maputo! É um valor da nossa História!

Por isso, quando eu vejo que conseguimos construir a ponte, que aquele cidadão e outros não acreditavam, eu também digo: que nós podemos acabar com o sofrimento! Nós podemos acabar com a pobreza! Alguns não acreditam, porque querem ver. Querem ver riqueza: abrem os olhos e não vem nada, continuam pobres! Mas nós dissemos: a ponte vai acontecer! A pobreza vai acabar! Abrem os olhos e a ponte não está lá, a pobreza continua lá! Não acreditam! Mas eu quero vos dizer. Quero vos dizer, compatriotas: assim como a ponte está ali foi construída, nós que estamos aqui, estamos a dizer que levantamos o nome de Achivangila. Também nós que estamos aqui e outros moçambicanos do Rovuma ao Maputo, podem trabalhar para acabar com a pobreza. Podem trabalhar para não termos falta daquilo que nós precisamos para podermos viver. Nós podemos acabar com a pobreza, assim como acabamos com o sofrimento de atravessarmos o Rio Luambala. E para acabarmos com o sofrimento de atravessarmos o Luambala, fizemos acordar a nossa antepassada, a nossa avó Achivangila - Achivangila Bené!

Ia também agradecer: agradecer o Reino da Suécia que está a apoiar-nos a financiar a construção desta estrada que sai de Lituzi, passa sobre o Ampala e passa por Majune e continua. Nós queremos agradecer. Isso é sinal de amizade. De amizade entre povos. De amizade entre povos! Aqueles que pagaram por esta ponte vivem longe. Muito longe daqui, na Suécia! Para sair daqui para Suécia não é como sair daqui para Lichinga. Lichinga é perto! Não é como sair daqui para Maputo. Maputo é perto! Tem que ir até Maputo. Voltar. Ir de novo. Voltar. Ir de novo. Voltar. Muitas vezes... até chegar na terra daqueles que trabalharam e tiraram dinheiro para nós termos essa ponte e dizendo eles: isso é para ajudar os moçambicanos a acabar com pobreza! É para ajudar os moçambicanos para poderem libertar-se da pobreza! E aqui criaram-nos um bem.

Muito obrigado Reino da Suécia!

Muito obrigado!

A maneira nossa de valorizar, é trabalharmos mais. Trabalharmos muito mais para nós também não termos pobreza. E também amanhã poderemos tirar dinheiro e ajudarmos outros povos. Espero que não haja nessa altura, quem estejam fome!

Queremos ainda agradecer aqueles que construíram. Que conseguiram empregar 50 moçambicanos para esta ponte estar assim. Queremos agradecer ainda a aqueles que controlam, que fiscalizam o trabalho da ponte. E nós pensamos que daqui a pouco podemos gozar plenamente aquilo que a ponte nos oferece.

Antes de terminar, eu queria apresentar-vos alguns dirigentes e outros responsáveis que trabalham nas estruturas, que trabalham nas estruturas centrais!

(Seguem-se as apresentações)

(...)

Nós podemos chegar mais rapidamente em Lichinga. Com essa ponte, os que estão em Lichinga podem chegar mais rapidamente aqui em Majune. Podem chegar mais rapidamente em Marrupa. Aquilo que eles produzem, podem trazer mais rapidamente para aqui. Aquilo que nós produzimos, pode chegar mais rapidamente em Lichinga. Quando nós estamos doentes aqui em Majune e não temos capacidade de tratar... Por causa desta ponte os doentes podem chegar mais rapidamente em Lichinga. Por isso, a nossa responsabilidade é garantir que esta ponte continue a funcionar bem! Tratarmos bem esta ponte, assim como Achivangila tratava bem os seus cidadãos! Nós temos que tratar bem Achivangila: nós temos aqui!

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Província de Niassa hoye!

(Hoye!)

Ponte Achivangila hoye!

(Hoye!)

Majune hoye!

(Hoye!)

Muito obrigado!

(Palmas)

ENCONTRO COM ALUNOS DA ESCOLA, METARICA - 2006

(...)

(Sim!) Chegaram? (Sim!)

Era para fazer o quê lá? (Trabalhar!)

Para ver o quê lá? (alcatrão!)

Para ver alcatrão (risos)

Muito bem, muito bem, muito bem! Tem outro lugar também, chamado Lichinga...

(Sim!)

Conhecem? (Sim!)

Todos? (Sim! Não!)

Ahhh... alguns conhecem e outros não conhecem... Muito bem, há outros lugares além desses: há um lugar chamado Pemba, chegaram? (Não!)

Pemba está muito longe daqui. Em frente de Pemba há mar. Mar. Muita água. Muita água. Muita água mesmo!!! Naquele mar andam barcos grandes. Barcos de 100 metros. 100 metros vai de onde até onde, hein? Dali até ali? (Não!)

Hein? Nunca viram isso!? (Sim!)

Também não chegaram na Beira!? (Sim!)

Outros chegaram? (Sim!)

E viram mar? Também muito mar? Muita água? Também chegaram a Maputo? (Não!)

Outros não chegaram? (Sim!)

Maputo fica muito longe! Maputo, Cuamba, Lichinga, Nampula, Marrupa, Pemba – fazem parte de Moçambique. É vosso País! É vosso! Compreendem isso? (Sim!)

Quando diz ser Moçambicano não é preciso ser natural de Metarica. Quem está em Metarica e é Moçambicano. Metarica é dele. Quem está em Pemba e é Moçambicano. Pemba é... (Dele!).

Quem está em Maputo e é Moçambicano. Maputo é ... (Dele!)

Tudo isso é Moçambique!

Em Moçambique existem pessoas que falam muitas línguas, além de português. Uns falam Macua como nós aqui, não é? (Sim!)

Outros falam Yao. Outros Nyanja. Tudo isso é riqueza nossa! Outros falam Kimuani. Ouviram falar Kimuani? (Não!)

Mas é vossa língua também! São Moçambicanos que falam. Há Moçambicanos que não falam Macua, mas quando ouvem Macua dizem que é dele. Compreenderam isso? Porque é riqueza dele! Os pais dele, os antepassados – sabem o que é antepassado?

(Sim!) Aqueles que veio antes de nós, não é? (Sim!)

...Deixaram isso para vocês, desde o Rovuma até ao Maputo: deixaram isso para vocês! E então, vocês têm tarefa. Tem um trabalho muito grande. É pegar neste Moçambique e em Moçambique acabar pobreza! Sabem o que é pobreza? (Sim!)

Sabem que há meninos que não têm sapatos? (Sim!)

Sabem que há meninos que não têm muita roupa? (Sim!)

Sabem que há meninos que não sabem onde dormir? (Sim!)

Sabem que há meninos que não sabem o que vão comer? (Sim!)

Sabem que há doentes que não têm medicamentos? (Sim!)

Isso é pobreza!

Desde o Maputo até Pemba, até ao Rovuma, há muita pobreza neste País! Vocês têm trabalho: acabar com essa pobreza! Para vocês acabarem com pobreza, sabem o que devem fazer? (Não!)

Estudar! Estudar. Estudar muito! Saber muita coisa! Então, com o vosso conhecimento vão fazer escolas. Com o vosso conhecimento vão fazer alcatrão para aqui. Com o vosso conhecimento vão trazer energia – Cahora Bassa. Com o vosso conhecimento vão acabar com a pobreza! Estudar. Estudar muito! Não copiar, hein? Como dizem? (Cabular!)

Não cabular! Muito bem: Não cabular! Não brincar na aula. Brincar fora quando for necessário, mas estudar muito. Estudar muito. Estudar muito: esta é a vossa tarefa para construir MO-ÇA- (...MBIQUE!)

Moçambique que é todo ele vosso!

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Eu espero, não sei... vou falar com os professores que na próxima vez que eu visitar a vossa escola, vocês vão me mostrar um lugar onde vão plantar árvore de fruta. Cada aluno, uma árvore! Cada aluno, uma árvore! Compreendem bem? (Sim!)

Tomar conta da árvore! E então, quando ele for professor – o aluno – chegar a professor, e se passar o amigo dele perto há-de dizer que eu estudei nesta escola. E o amigo vai perguntar: mostra lá que estudaste nesta escola! E ele há-de ir para essa machamba e vai dizer: aqui está a minha planta! Já não vai dizer aqui está a planta. Vai dizer aqui está a minha planta! Já terá crescido, não é assim? (Sim!)

Quando os familiares vierem visitar-vos aqui: os vossos pais, os vossos tios, ao chegarem aqui hão-de pegar na mão da mamã e dizer aqui está a minha planta! Isso quer dizer combater a pobreza, porque aquela planta dá manga. Aquela planta dá fruta. E aquela fruta quando nós comemos... fruta tem vitamina, não é assim? (Sim!)

Aprenderam a vitamina? (Sim!)

A vitamina ajuda a combater doenças! A vitamina ajuda a combater doenças!

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Alunos moçambicanos hoye!

(Hoye!)

Do Rovuma ao Maputo hoye!

(Hoye!)

Ah... estão fracos!

(Não! Palmas)

Do Rovuma ao Maputo hoye!

(Hoye!)

ENCONTRO COM PROFESSORES DA ESCOLA, METARICA - 2006

(...) E muitas vezes, anonimamente, estão a produzir maravilhas neste país. As vezes, as maravilhas são feitas por anónimos. Aqueles que trabalham e produzem e ninguém se lembra deles! Mas sem eles o país não andava. Sem eles a Moçambicanidade não existia. Existia fraca. O amor a pátria seria fraco!

Como tive o prazer de vos cumprimentar, caros professores, fazedores da República. Fazedores da Moçambicanidade, muitas vezes anónimos, mas mesmo assim fazendo, trabalhando.

Eu vou ter algumas pequenas... alguns pequenos comentários apenas, apesar de nem todos vocês serem professores desta escola. Nem todos vocês serem professores daqueles alunos com quem nós estivemos agora. Quero dizer-vos que devo saudar-vos! Os vossos alunos parecem que sabem o que querem! E é muito raro que crianças na escola, naquela idade, saibam o que querem. Costumam ir a escola porque os pais mandaram. Costumam ir a escola porque os professores disseram. Não vão a escola porque devem estudar. Até mais tarde, é que descobrem que afinal de contas devem estudar!

Mas os vossos alunos, desde os pequeninos até os mais crescidos, sabem o que querem. Sabem o que estão a fazer. E quando alguém sabe o que quer, nós logo perguntamos: como é que soube? Como é que soube o que quer? E então eu acredito que na escola! Para eles saberem o que querem é porque os professores lhes ensinaram aquilo que eles devem querer. E ensinaram-lhes coisas muito boas. Por exemplo, eles falam com orgulho de que Moçambique é deles! Sim, Moçambique é nosso. Essa é a grande arma que nós temos! Moçambique é nosso. Todo o território Moçambicano, de norte a sul, de sul a norte, do Índico ao Zumbo nos pertence a todos nós igualmente!

As línguas diversas que nós utilizamos na comunicação são fonte de enriquecimento da nossa nacionalidade: ai que belo Moçambique que é capaz de se exprimir em tantas línguas! Que é capaz de se exprimir em tantas formas de dançar! É capaz de se exprimir em tantas formas de tocar música. Isso mostra exactamente aquilo que ensinaram e que nos impressiona!

Mas sabemos que têm feito isso no meio de sacrifícios, no meio de dificuldades. As vezes vamos para uma escola e dizem: os contratados ainda não foram... não se tornaram efectivos. Estão quatro anos, cinco anos como contratados! As vezes acontece! **(Sim!)**

Nossa burocracia. Nosso burocratismo. Temos que acabar com isso! Temos que lutar contra isso! As vezes, agora já não acontece, atrasam receber vencimento. Salários! **(Não!)**

Já não acontece? **(Sim!)**

Recebem a tempo! Houve tempos que os vencimentos demoravam: essa parte da burocracia já se resolveu, mas há outras coisas que ainda faltam!

Podem ter certeza, meus caros... minhas caras professoras, meus caros professores – que é preocupação da República, com os seus poucos meios ultrapassar essa dificuldade que ainda enfrentam, porque vocês são os fazedores da República. Os futuros técnicos, os futuros professores, os futuros médicos, os futuros governantes são feitos por vós. Daqui a 20 anos, aqueles que começaram a ensinar agora, hão-de se recordar: **ah, eu conheço fulano tal que é administrador no local tal, fui eu que ensinei! Fulano tal que é professor, director, fui eu que ensinei!** Estão a fazer hoje para outros colherem amanhã. E nós temos um grande respeito e admiração por vós!

Eu queria fazer-vos um apelo. Procurem pensar em como transformar a escola num centro de desenvolvimento. Aqui estamos em Metarica ou estamos num outro ponto, nossa escola, as pessoas quando quiserem uma coisa nova irem a escola. Não somente mandarem as crianças para a escola, mas irem a escola! Querem aprender a plantar árvores? Se não souberem, a escola ter alguém que ensine a plantar árvore! Querem aprender a melhorar a sua dieta alimentar? A escola ter alguém que diz a melhor comida que se deve ter é esta ou aquela. Querem aumentar a sua produção? A escola ser capaz de dizer para aumentarmos a produção de mapira, de milho ou de outra coisa, temos de fazer desta maneira. A escola deve ser um centro de onde irradia desenvolvimento. O centro de onde se combate com firmeza e com clareza a pobreza.

Por exemplo, nós temos problemas de queimadas, sabem todos? **(Sim!)**

Queimadas fazem mal ao nosso país. E vocês professores, se disserem desde o princípio às crianças: não façam queimadas. Não façam queimadas! E explicar porquê, daqui a 20 anos nós não teremos as queimadas que nós temos! Daqui a 20 anos não teremos as queimadas que nós temos! Na escola... da escola deve-se irradiar desenvolvimento! A escola deve ser o centro forte, seguro, de combate a pobreza! E, naturalmente, no centro deve ser o lugar onde se ama mais a pátria: a nossa unidade. A harmonia. A tranquilidade. O respeito uns pelos outros. A admiração uns dos outros. Não é só ver os defeitos das pessoas. Nós temos o hábito mau de ver defeitos nas pessoas só. As pessoas têm qualidades! Antes de falarmos do defeito de uma pessoa, vamos lá ver se não tem qualidades. E havemos de descobrir que tem algumas qualidades. Começemos então primeiro por falar das qualidades, para depois quando falarmos dos defeitos, ele compreender que nós queremos que ele... pode. Sabemos que ele pode acabar com os defeitos que ele tem, porque ele tem qualidades. Ele tem qualidade!

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Muito obrigado!

(Palmas)

Eu estou a ser egoísta. Queria falar mais convosco, mas não posso. Temos outro programa, infelizmente. Eu queria aprender de vós. Ouvir de vós. Mostrarem o que fazem. (...)

COMÍCIO DE METARICA - 2006

(...)

Muito bom dia! **(Bom dia! Palmas)**

É a segunda vez que estamos aqui. A primeira vez, estávamos ainda a prepararmos para as eleições. E lembro que foi mesmo aqui que nós nos reunimos com a população. Vínhamos nessa altura de Nipepe, de estrada, e chegados aqui tivemos uma reunião. E depois disso, continuamos para Cuamba. Naquela altura, nós ficamos muito bem impressionados. Muito dinamismo. Muito dinamismo mesmo da população de Metarica! Agora que estamos aqui de novo, vimos que essa força existe. Essa vontade de vencer persiste. E esse orgulho de ser moçambicano continua forte. Vimos aqui na pista, quando descemos. As danças, as canções, todas elas a falar de Moçambique! A falar de África! A falar dessa nossa bela terra Metarica! Isso dá-nos força também. Nós ficamos com força de trabalhar mais, porque sabemos que estamos perante um povo que gosta de si próprio. Que gosta de si próprio. Que é orgulhoso. E que quer batalhar. Quer batalhar para acabarmos com a pobreza no país. Por isso, as minhas primeiras palavras são de dizer obrigado a população de Metarica! Obrigado... **(Palmas)**

Obrigado pela vossa hospitalidade! E obrigado também por estes grupos culturais, que a nossa mulher com aquela voz tão bela e aquele dançar também tão elegante nos mostra. Ou então, os nossos jovens aí, também buscando a tradição, vieram fazer aqui os tambores vibrar, enquanto dançavam compassos fortes, vigorosos. Mas também queremos agradecer a população de Metarica pelas mensagens que aqui transmitiram. A mensagem de confiança que nós ouvimos aqui. De querer o nosso país forte. O nosso país continuar a crescer, como ouvimos aqui da apresentadora. Era uma professora não é?

Como ouvimos da professora Adelaide Leonardo, que fala em vosso nome. Ou então, aquilo que ouvimos da associação das associações que mostra que querem combater contra a pobreza. E disseram como dizem ali: aquela associação tem 8 hectares. Outra tem 10 hectares. Outra tem 14 hectares. E assim mesmo tem poupanças. Muitos milhões. Isso mostra que é trabalho. Mostra que nós podemos vencer a pobreza! E não satisfeitos com isso, dizem que a perspectiva, o plano é aumentar as áreas. Aumentar a produção!

Isso nos alegra. Queremos uma pátria forte. Uma pátria não pobre e as vossas mensagens dizem isso muito bem. Queria ainda agradecer as ofertas que trouxeram e que nos deram aqui. Muito obrigado! Mostra a vossa... o vosso carinho e também a vossa vontade de ajudar os outros!

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Naquela vez quando falei, eu falava daquilo que nós queremos que Moçambique seja, e dizia: escolham-me para Presidente para Moçambique chegar lá! E agora que estamos na fase, agora que estamos na fase de implementar aquilo que nós prometemos. É uma tarefa que não é fácil, mas é uma tarefa necessária! E vocês quando copiaram, acreditaram que haviam de nos ajudar para podermos realizar essa coisa. Por isso, eu hoje vou procurar recordar alguns aspectos. E depois vou procurar saber de vós que lições nós aprendemos? Que podemos fazer para avançar mais? Mas antes disso, quero apresentar-vos os colegas, os companheiros que estão connosco. Que são responsáveis em vários níveis, sobretudo nas estruturas centrais, que se preocupam por tudo aquilo que se passa do Rovuma ao Maputo!

(Seguem-se as apresentações)

(...) Com estes trabalhos todos que estão aqui a ouvir e outros – na saúde, nas finanças, negócios estrangeiros, justiça, tudo isso. É para poder colocar a direcção da Frelimo, do Governo da Frelimo, a lutar contra a pobreza. Porque a pobreza é que é o nosso inimigo. Nós temos que eliminar **Ohawa** (pobreza). E para podermos fazer isso, temos que fazer um plano e temos que executar um plano. Por sorte nós Moçambicanos já temos experiência. Nós moçambicanos temos experiência. Esta experiência o que é que nos diz? Diz que quando nós queremos uma coisa, quando nós moçambicanos queremos uma coisa, nós conseguimos alcançar essa coisa. Basta todos nós querermos e nós estarmos unidos do Rovuma ao Maputo. As nossas tribos todas. As nossas raças todas. Homens e mulheres. Crianças. Adultos. Jovens. Quando todos estão unidos, nós conseguimos alcançar o que pretendemos. É isso que a nossa História mostra. Por exemplo, houve tempos que aqui em Moçambique quem governava não eram moçambicanos. Eram estrangeiros. Durante muito tempo, eles é que decidiam. Eles é que diziam onde se deve ter uma escola. Eles é que decidiam onde se deve ter um hospital. Eles é que diziam onde tem que ter uma estrada. Eles é que eram gente e faziam isso na nossa terra. Coisas que tinham interesse, que deviam ter interesse para nós. Então o que é que eles fizeram na decisão deles?

Pegaram escolas e colocaram na cidade – só os filhos deles é que estudavam! Levaram hospitais e colocaram nas cidades – só eles é que podiam ser tratados se ficassem doentes! Levaram as estradas e ligaram as cidades – só eles é que podiam ir de um lado para outro! As estradas boas para a nossa povoação, não! Escolas boas para a nossa povoação, não! Hospital para a nossa povoação, não!

Houve tempo aqui – aqui em Moçambique aqui – em que quem mandava, eram as pessoas de fora. Eram estrangeiros. Eles é que diziam aquilo que se fazia aqui no País. Quando os moçambicanos ficaram fartos disso, disseram que já não queriam. Uniram-se do Rovuma ao Maputo e tiraram a dominação estrangeira porque nós estávamos unidos. Porque nós queríamos fazer isso. É isso que venceu o colonialismo: a nossa unidade e o nosso querer! A nossa vontade de fazer as coisas! A nossa determinação!

E depois, aqui neste país, veio uma guerra. Uma guerra que não nos deixava andar na estrada. Que não nos deixava estudar para escola. Não nos deixava sermos tratados nos hospitais. Não nos deixava sequer dormirmos nas nossas próprias casas. Os

moçambicanos ficaram fartos. Disseram: isto não! Uniram-se todos. Juntaram-se todos: Aqueles que estavam no mato. Aqueles que estavam na cidade. Aqueles que estavam nas povoações. Aqueles que estavam fora como refugiados. Todos se uniram. E como queriam acabar com guerra, a guerra acabou!

Os moçambicanos têm experiência! Somos um grande povo. Um povo que sabe o que quer. E quando quer essa coisa, une-se e luta para vencer. Já vencemos dois grandes inimigos do povo moçambicano: a dominação estrangeira, o colonialismo e a guerra. Já vencemos! Agora temos outro inimigo. Um outro inimigo que faz mal a todos Moçambicanos desde o Rovuma até ao Maputo. Desde o Indico até ao Zumbo. Zumbo é em Tete. Todos esses moçambicanos têm o mesmo inimigo. E o inimigo é a pobreza, **Ohawa! (Palmas)**

Nós temos terra boa. Nós temos rios bons. Nós temos árvores bonitas. Nós temos grandes montanhas. Mas somos pobres! Nós temos vontade de trabalhar, mas somos pobres. E a terra é nossa. Os nossos antepassados legaram-nos. Recebemos deles. Isso tudo é vosso. São os nossos pais que nos deixaram. São os nossos avós que nos deixaram, desde o Rovuma até ao Maputo. As árvores, terra, o rio, tudo! Como também nos deixaram as línguas, as danças, as estórias, as tradições. É nosso. É nosso! Foi deixado pelos nossos antepassados para nós. Não é para outro. Mas somos pobres!

Então, temos que encontrar remédio. Temos que encontrar remédio. Temos de novo que unirmo-nos e todos nós queremos e lutamos contra a pobreza. Já se fez muito. O Governo da Frelimo fez muito. Fez escolas onde não havia. Colocou hospitais onde não havia. Colocou energia onde não havia, até aquelas escolas muito grandes. Muito grandes lá encima, que no tempo colonial só havia em Lourenço Marques – em Maputo. Só havia uma. Mas o Governo da Frelimo já aumentou essas escolas. Em Maputo existem muitas. Pode sair de lá como engenheiro. Pode sair de lá como médico. Mas não é Maputo só. Não é Maputo só! É todas capitais encontramos essas escolas que forma pessoas que sabem muito e que o Governo diz é para combater a pobreza. É para acabar a pobreza. E aqui em Niassa temos sorte especial. Até temos essa escola aqui num distrito, em Cuamba. Uma universidade onde se aprende a cultivar melhor. Onde se aprende a combater a pobreza junto do camponês. Isso tudo são meios para combater a pobreza.

Mas ainda temos problemas. Ainda há gente que dorme e não sabe se vai comer no dia seguinte. Ainda há estradas que não existem. Ainda há medicamentos que não chegam. Ainda há hospitais que faltam. Ainda não temos tudo aquilo que nós queremos. Ainda somos pobres do Rovuma ao Maputo. É por isso mesmo que nós dizemos: temos que continuar e procurar trabalhar para encontrar aquilo que nós queremos! Temos que trabalhar! Unidos, querendo e trabalhando, vamos acabar com a pobreza! E Metarica é um dos melhores exemplos que nós temos! **(Palmas)**

Temos cidadãos que se juntaram para produzir algodão: uma associação, outra associação, outra associação! Eles sabem que é ali onde está o segredo. Mas sabem também que ainda não estão a produzir muito e precisam de produzir mais e dizem: queremos aumentar as áreas para aumentar a produção. Para aumentar a riqueza – a riqueza que é nossa. Aumentar a riqueza, aumentando o trabalho. No trabalho, está o segredo da vitória. Nós temos que trabalhar! Trabalhar mais! Nós trabalhamos, mas gostamos muito de descansar. Muito de descansar. Trabalha de manhã, quando começa o sol a picar, então vai para a sombra de uma árvore e fica aí a descansar. A beber aí a sua coisinha até a noite! Dia seguinte, acorda de manhã. Quando o sol começa a picar um pouco – debaixo da árvore, está a descansar! Temos que trabalhar mais. Temos que trabalhar mais!

Se nós trabalharmos mais, vão ficar espantados. Daqui a dois, três, quatro anos já não falaremos de pobreza como fazemos hoje. E o camponês, depois de trabalhar mesmo no sol, quer descansar um pouco. Está muito bem, descansa bem. E depois ali de descansar um pouco, vai lá fazer tijolo. Vai lá queimar tijolo para fazer casa melhor. Estão a compreender bem?

Nós chegamos aqui em Metarica, onde estão as casas de tijolo? De quem são essas casas?

É casa do administrador. É casa de não sei quem... director distrital de saúde, director distrital da agricultura, secretário permanente. Mas quem constrói? São vocês. Mas constroem para os outros. Quando voltam para casa, querem entrar para casa. Não podem entrar assim... tem que baixar assim... **(Palmas)**

Mas quando constrói para os outros, entram bem na casa dele. Vamos trabalhar, já sabemos trabalhar! Estamos a trabalhar muito, mas vamos trabalhar muito mais para combatermos a pobreza. Unidos, querendo acabar com a pobreza, assim como unidos quisemos acabar com o colonialismo. Assim como unidos, quisemos acabar com a guerra. E o colonialismo acabou! E a guerra acabou! Querendo, unidos e trabalhando mais, vamos acabar com a pobreza! Vamos acabar com a pobreza! Não é trabalho só na aldeia. É trabalho também na secretaria. É trabalho também nos hospitais. É trabalho também nas escolas. Todos os moçambicanos, quando nos encontrarmos temos o prazer de dizer que eu trabalhei mais hoje. Ontem trabalhei muito. Hoje trabalhei mais. A pobreza vai acabar!

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Nós sabemos que temos uma dificuldade aqui neste distrito. Falta de emprego. Há muita gente que não tem trabalho. Apesar das associações, apesar das construções, ainda há gente que não tem emprego. Gente que se devia juntar às associações. Gente que podia aprender a construir, para construir melhores casas para nós. Mas ainda há desemprego!

O vosso governo, o governo da Frelimo, encontrou um caminho para encontrar solução para isso. Não vai resolver tudo de uma vez. Vai resolver pouco a pouco. Mas vai resolver! É como o caminho que sai daqui e vai para Marrupa. A gente quando anda nele, não chega logo a Marrupa. Marrupa é ali, não é? Não chega logo em Marrupa. Tem que andar, andar até chegar lá! O caminho vai para lá. O caminho não nos carrega para lá. Temos que andar, transpirar, descansar, levantar, andar até chegar lá! O vosso Governo encontrou um caminho que nos pode levar até lá onde possamos resolver o problema da falta de emprego. É o Conselho Consultivo Distrital, representante vosso das aldeias, dos povoados, do posto administrativo que se juntam para identificar quais são as preocupações do povo. O que é que falta no povo? Falta água? Falta estrada? Falta escola? Falta casa? Falta emprego?

Eles é que se reúnem para aconselhar o administrador, para o administrador encontrar caminho! Por isso, cada distrito desse país – cada distrito da República de Moçambique – recebeu sete biliões de meticais! Sete biliões de meticais para ajudar a resolver o problema. Para criar grupos para fazer a construção. Para criar grupos para aumentar a produção na agricultura. E o dinheiro que vão receber, depois de algum tempo devem

pagar. Para depois, esse dinheiro ser entregue a outros grupos, porque somos muitos e não é possível com sete biliões resolver o problema de todos de uma só vez. Mas o Conselho Consultivo pode ajudar, indicando quem são as pessoas que sabemos que trabalham muito, mas que ao trabalhar vão dar emprego aos nossos jovens. Vão empregar três, quatro, cinco, dez jovens. E depois, vão ganhar dinheiro e vão desenvolver. Para depois, esse dinheiro ser dado a outro cidadão ou a outra associação e vai fazer a mesma coisa: dar emprego aqui às pessoas do distrito de Metarica, para ajudar a resolver os problemas que nós temos. O Conselho Consultivo é um instrumento importante para podermos abater a pobreza aqui no distrito!

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Sete biliões!

(...)

(Seguem-se as intervenções dos cidadãos)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Metarica hoye!

(Hoye!)

Muito obrigado pelas grandes lições. Nós ouvimos atentamente os conselhos e as observações dos cidadãos em Metarica e nós, naturalmente, registamos. Registamos como ideia para nos ajudar a ver bem os problemas. E registamos também como preocupações de cidadãos moçambicanos. Aqui falaram do gerador que tem problemas de combustível. Falaram da via que apesar de estar melhorada; é difícil quando chove. Pedem para melhorar.

Falaram de tractor para aumentar as machambas nossas – a nossa agricultura. Falaram dos transportes que não são suficientes no distrito. Falaram de uniforme que alguns líderes comunitários ainda não têm, ainda guardam.

Falaram o preço do algodão, que quanto mais produzem fica mais baixo. Falaram do apoio ao idoso que não cobre todo o distrito. Falaram dos desmobilizados. Falaram de falta de transporte para activistas – activistas contra o SIDA que não tem recursos para irem a outros pontos.

Falaram da rádio comunitária. Falaram de transporte para a polícia, também para o secretário do comité distrital. Falaram das lojas. Precisam de uma loja grande, mas as nossas lojas são pequenas e isso não consegue apoiar o desenvolvimento da população do distrito. Falaram da hospedagem que falta.

Falaram da falta de armazenista que compra produtos e guarda-os aqui, em vez de irem para Cuamba. Falaram de telefone: telefone fixo ou telefone MCell. E, finalmente, falaram da competição do atletismo no 7 de Abril e que um atleta ganhou cassete rádio mas não lhe deram rádio, deram-lhe papel e que ele estava a lamentar e não tinha solução.

Como eu disse, nós registamos aquilo que foi dito. Os meus conselheiros também estiveram a apontar junto das pessoas para compreender melhor o detalhe. Porque, aquilo que se diz aqui, nós sempre registamos e vamos acompanhar até ver como é que termina o assunto. Mas vou comentar sobre duas questões:

A primeira questão tem a ver com o problema de desenvolvimento em que o cidadão vem para aqui e diz: mas Metarica podia desenvolver mais e não está a desenvolver. Nós produzimos e não tem armazém aqui. Nós temos pequenas lojas e essas lojas não crescem. Nós temos pequenas machambas, estas machambas não crescem. E para o caso das machambas, dizem tragam um tractor que havemos de pagar o tractor. E o tractor vai trabalhar e as machambas vão crescer. Esse é o primeiro problema de desenvolvimento!

Outro problema de desenvolvimento sobre o qual quero falar tem a ver com o combustível. Eu concordo com a vossa preocupação. Mas agora temos que tentar entender como resolvermos? Mas nós dissemos já qual a via. Querendo, unidos e trabalhando, resolveremos o nosso trabalho.

Um exemplo. Um exemplo. Estão a pedir um tractor, porque realmente um tractor abre grande machamba. Mas a enxada que a gente usa, abre uma machamba pequena. E a machamba pequena traz ou produz pouco algodão. Dá pouco tabaco. Então, querem aumentar e dizem que o tractor é que vai resolver o problema! Aqui eu começo a dizer talvez, talvez, talvez o tractor possa resolver. Mas antes de pensarmos que vai resolver, vamos pensar nos problemas que o tractor nos vai dar. Aquilo que o tractor resolve já disse: abre grandes machambas. Mas vai dar para trabalho. O primeiro trabalho, quer seja no distrito, quer seja nas associações, o tractor tem que ter motorista. Tractorista que guia o tractor. E o tractorista quer ganhar dinheiro e não ganha pouco.

Em segundo lugar, o tractor é uma máquina e como máquina pode estragar. Pode avariar. Então, o tractor tem que ter mecânico, que é para ver quando é que muda óleo. Se as peças estão completas ou não estão completas – mais ou menos como o carro. Quando anda, quando anda depressa, mas alguma coisa está estragar: há peças que estão a estragar. Então, tem que ver como arrancar estas peças. O tractor tem que ter mecânico. O tractor para andar tem que beber. Tem que comer. Bebe combustível. O combustível é caro. Não aguentamos com combustível aqui para o nosso gerador! Portanto, é preciso sabermos resolver esses problemas para poder produzir. Eu estou a pôr os problemas, mas há outras soluções talvez mais difíceis. Mas eu vejo que é mais fácil: aqui em Metarica nós não temos tradição de trabalhar com gado bovino. Trabalhamos com galinha. Trabalhamos com cabrito. Mas gado bovino não! Mas gado bovino é animal. A gente já sabe como se trata um cabrito, como se trata um boi. Podemos não saber mas é parecido e o boi apesar de ser grande, aquela criança pode conduzir. O boi obedece a pessoa, mas tem muita força. E depois, no boi tem outra coisa: não bebe combustível! Tal como cabrito, come capim! Então, se nós temos capim para ele, sabendo trabalhar com o boi – porque isso nós podemos aprender – então o boi pode ser utilizado! Não há-de fazer machamba grande como tractor mas há-de fazer machamba grande. E essa machamba pode dar emprego aqui as pessoas e o boi pode trabalhar nele.

Por isso, eu penso que além de tractor é bom prestarmos também o boi. O gado bovino pode ajudar-nos imenso na cultura. E também dá carne, que é muito boa. E também dá leite. Seria bom para as nossas crianças beber e ir a escola. Ficam mais espertas, porque o leite tem muita boa alimentação para os adultos e para as crianças. E ajuda a combater doenças também! Por isso mesmo, eu penso que é bom pensarmos bem. Nós temos

que aumentar a produção. Nós temos que aumentar a produção. E para aumentar a produção, temos que usar os caminhos. E esses caminhos nós podemos descobri-los através do trabalho mas também através do conjunto do nosso conhecimento. Não sei, quanto custa uma cabeça de gado? Dez milhões? O gado bovino custa talvez dez milhões! Se arranjarmos duas cabeças custa talvez vinte milhões. Depois pode fazer grande machamba e não gasta combustível. O combustível dele é capim. Mas um tractor custa 300 milhões. Com um tractor pode comprar mais do que 20 cabeças.

(...)

COMÍCIO DE LICHINGA - 2006

Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoye!

(Hoye!)

Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoye!

(Hoye!)

Cultura Moçambicana hoye!

(Hoye!)

Cultura Moçambicana hoye!

(Hoye!)

Província de Niassa hoye!

(Hoye!)

Província de Niassa hoye!

(Hoye!)

Lichinga hoye!

(Hoye!)

Lichinga hoye!

(Hoye!)

Lichinga hoye!

(Hoye!)

Lichinga hoye!

(Hoye!)

Muito Boa tarde! **(Boa tarde!)**

Nós, primeiro queríamos dizer a população de Niassa, através da população da bela cidade de Lichinga, muito obrigado pela vossa recepção calorosa (Palmas). Quando o avião desceu no aeroporto, não podíamos acreditar. Lá fora dizem que Niassa tem pouca gente, mas quando cheguei no aeroporto eu vi muita gente. Não era gente somente presente. Gente com orgulho de si própria. A cantar. A dançar. A dar vivas. Tudo isso a mostrar a grandeza da população dessa bela cidade. Mais tarde, e ao longo da estrada. E agora, aqui mesmo de novo essa alegria explode e realmente temos motivo para dizer muito obrigado Lichingenses. (Palmas)

Quero agradecer também o facto de quando chegamos aqui ter havido orações. Uma em forma de Duá, a outra em forma de mensagem. Todas elas com objectivo de ver

que os Moçambicanos caminham para lá onde eles merecem, caminham no sentido de acabar a pobreza e no sentido de serem felizes. Obrigado pela oração. Obrigado pelas mensagens.

Queremos também agradecer a mensagem apresentada através do nosso jovem em nome de outras organizações. E diz que os jovens, as mulheres, os combatentes querem acabar com a pobreza. Muito obrigado por isso!

Queremos finalmente agradecer ainda as ofertas que aqui nos deram. Porque veio através da explicação daquilo que estão a fazer aqui na província e também pelo facto de dizerem que ainda há problemas. Mas acreditam que esses problemas vão ser resolvidos. E também, por outras ofertas materiais. Muito obrigado! (Palmas)

Eu trago três mensagens hoje. Uma mensagem é para apresentar-vos aqueles que estão comigo. É bom verem aqueles que sempre estão engajados na luta. Aqueles que como vós, como vocês querem acabar com a pobreza, mas que fazem a sua luta em Niassa e noutras províncias porque são dirigentes centrais – essa será a minha primeira parte!

A segunda parte, vou vos apresentar as preocupações minhas. E a terceira parte, quero aprender de vós. E nós viemos aqui para aprender. A terceira parte será para aprender de vós. Para ouvir as vossas preocupações e ver como é que pensam que nós todos podemos vencer essas preocupações. Por isso, começamos pela primeira parte.

(Seguem-se as apresentações)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Agora as minhas preocupações. A preocupação de todos moçambicanos é combater contra a pobreza. Para nós combatermos contra a pobreza precisamos de ter confiança em nós mesmos. Precisamos de valorizar aquilo que nós fazemos. Precisamos de gostarmos de nós mesmos e isso é que cria a auto-estima. E depois disso, precisamos de ir a luta. Arrancar a pobreza para longe. E a maneira de arrancar a pobreza para longe é trabalhar. Precisamos de trabalhar. Nós moçambicanos trabalhamos, mas precisamos de trabalhar mais! Se nós não trabalhamos mais, não vamos acabar com a pobreza. Precisamos de trabalhar mais nos escritórios. Precisamos de trabalhar mais nas machambas. Precisamos de trabalhar mais nos hospitais. Precisamos de trabalhar mais nas estradas. Precisamos de trabalhar. Trabalhar. Ali é onde está o segredo para combater com eficácia contra a pobreza. (...)

Aqui na província de Niassa, nós temos a estrada que sai de Litunde vindo daqui de Lichinga e que vai para aquela zona de Marrupa, passando por aquela zona de Majune. E de Marrupa vai até a fronteira com Cabo Delgado em Ruace. A estrada estava muito má, muito má mesmo. A ponte no rio Luambala tinha sido arrastada. Hoje a estrada está bonita. Ainda não chegou a Ruace, mas está a caminhar para lá. O chão é todo ele alcatrão. São coisas que estão sendo feitas. São coisas que estão sendo feitas.

Nós temos agora energia. Energia aqui em Lichinga. A energia era muito difícil, mas agora há energia. Se alguém quiser construir fábrica, pode vir fazer fábrica. É só ligar e a energia está lá! Isso tudo é feito através do esforço dos moçambicanos. Mas os moçambicanos têm limitações. Tem muita vontade. Tem muita vontade de trabalhar, mas as vezes não têm dinheiro. Não tem certos conhecimentos para permitir ter essas coisas a funcionar. Mas temos amigos, amigos que têm dinheiro. Mas eles trabalharam.

Esses amigos trabalharam. Não brincam. Quando é momento de descansar descansam mesmo. Mesmo quando é para trabalhar, trabalham mesmo para ganhar dinheiro. Uma parte fica com eles e outra parte ajuda aos moçambicanos e outros povos que são pobres. Mas é preciso que nós sejamos capazes de valorizar isso. É o suor do outro povo! É o trabalho dos outros e nós também podemos trabalhar. Nós também podemos ter muito. Nós também podemos dar aos outros, como o camponês que a gente visita na machamba e tem maçaroca, parte a maçaroca e oferece a pessoa que está de passagem. Nós também podemos fazer isso em outras coisas!

Mas eu queria aproveitar, meus caros irmãos, apresentar rapidamente os representantes desses dois países que estão a ajudar muito aqui em Niassa. Há outros, mas aqueles que não referi aqui estão a ajudar muito aqui em Niassa na construção de escolas e também na energia. Na construção de estradas e nas outras coisas também. Por isso, eu queria pedir – não está cá a senhora embaixadora? Não está. Mas quem representa? Faça favor o representante do Reino da Suécia – só um bom dia ou boa tarde...

Representante da Suécia: Muito obrigado. Excelência hoye!

(Hoye!)

Niassa hoye!

(Hoye!)

Amizade entre os Povos hoye!

(Hoye!)

Assante!

(Palmas)

Presidente da República: Já fala chi-yao! E da Noruega não temos ninguém? É da Irlanda!? Temos também aqui da Irlanda. A Irlanda é outro país que nos ajuda também e aqui temos o representante da Irlanda.

Representante da Irlanda: *Niassa hoye!*

(Hoye!)

Niassa hoye!

(Hoye!)

Presidente Guebuza hoye!

(Hoye!)

Assante!

Presidente da República: Vão admirar-se: este é irlandês? É moçambicano, mas está a trabalhar com a Irlanda para ajudar a trazer mais ajuda ao País!

Mas como eu estava a dizer, é o nosso esforço aqui em Moçambique, dos moçambicanos, aqui em Moçambique que pode fazer com que nós acabemos com o sofrimento. Que nós acabemos com a pobreza de modo que a ajuda dos nossos amigos possa apoiar o nosso esforço. Possa ajudar a resolver os nossos problemas. Eu dei exemplo de duas coisas que estão a correr bem, mas há coisas que não correm bem. Há coisas que não correm bem. Primeiro, a estrada que sai daqui para Cuamba ainda não foi asfaltada. É um problema.

A segunda coisa que não anda bem: o comboio. O comboio não chega aqui como nós gostaríamos que fosse! Esses são alguns dos problemas que nós temos. Mas ainda há um terceiro: emprego! É verdade que agora estamos a ter mais emprego: Chikweti na floresta é emprego mas ainda falta. Ainda há muita gente que não tem emprego. É por isso que quando nós dizemos que nós estamos a lutar contra a pobreza, nós estamos a dizer que queremos continuar a resolver esses problemas: os problemas da estrada. Os problemas da linha férrea. Os problemas do emprego e outros problemas que existem. Esta é a nossa preocupação. É por isso que estamos aqui em Niassa para ver o que é que foi feito. Quais são os resultados? O que é que falta? Porquê? E o que é que nós podemos fazer para encontrar aquilo que falta? Mas também para vermos o que é que o nosso povo aqui tem feito para enfrentar os problemas, porque o nosso povo aqui tem feito muito. Vocês têm feito imensas coisas para resolver o problema da pobreza. Qual a experiência que tem? Como resolver esses problemas?

Eu queria ouvir as vossas preocupações e ver como é que pensam que nós todos podemos contribuir para resolver essas preocupações. Eu vou pedir dez cidadãos, mas não falar longo, para dar lugar a outro. Se chegar comer tudo sozinho, os outros vão ficar com fome. Por isso, cada um fala mas não repete aquilo que o outro disse. Pode ser um homem. Pode ser uma mulher. Pode ser uma criança. Pode ser um jovem. Pode ser um adulto. Pode ser velho, idoso... nós queremos aprender de vós. Vocês são o nosso professor. O objectivo do vosso governo é fazer trabalho para vocês sentirem-se satisfeitos. Mas para isso é preciso mostrarem qual é o caminho que nós devemos seguir!

Obrigado!

(Seguem-se as intervenções dos cidadãos)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Muito obrigado pelas vossas lições. Nós estivemos a ouvir atentamente as vossas lições. Alguns apresentaram problemas pessoais e ao apresentar problemas pessoais mostram que de facto o centro da nossa actividade é o homem, é a pessoa. Mostram que quando não conseguimos resolver os problemas institucionais isso faz sofrer muito as pessoas. Aos indivíduos. Mas, como é difícil analisar os problemas pessoais, os meus conselheiros estão a falar com eles para compreender melhor os problemas e nós vamos seguir com atenção.

Outros apresentaram problemas da maioria e nessa base deram a sua contribuição de como combater contra a pobreza. Alguns falaram do HIV/SIDA. Que é preciso não nos cansarmos e encontrarmos todos os meios para fazer com que as pessoas passem mensagens concretas e correctas, porque no nosso país há muita gente que está a morrer. E essa gente morre porque não sabia que estava a ir buscar doença. E essa gente que morre são pessoas que nós gostamos. São pessoas que deixam filhos. São pessoas que deixam mulher ou marido. E são mortes que podiam ser evitadas. Eles falaram aqui do SIDA e essa deve ser uma tarefa de todos nós. Porque SIDA mata e deixarmos todas essas coisas que nós temos: os rios, as árvores, as canções, as danças, tudo deixarmos! E nós não teríamos deixado se tivéssemos sido mais cuidadosos!

Falaram aqui também da necessidade de termos mais escolas. O Governo fez escolas, mas faltam escolas. De facto, um dos exemplos é Samuel Kankhomba. Têm muitos alunos e as salas de aulas andam muito cheios, porque não temos outra escola e isso é difícil para o aproveitamento escolar. Por isso, ele tem razão. Precisamos de mais escolas. É isso que nós vamos fazer: lutar para termos mais escola!

Falaram da linha férrea. Falaram do problema daqueles moçambicanos desmobilizados pela ONUMOZ. Eu queria dizer a esse respeito, que estamos a fazer tudo que é possível para resolver esses problemas. Mas não é fácil resolver de uma vez. Até aqui resolvemos alguns problemas, mas ainda faltam problemas. Por isso, compreendemos a impaciência do companheiro que aqui falou. Mas também temos que pensar de outra maneira. Mesmo que venha uma solução que nós gostemos, nós não podemos somente pensar no passado!

Nós lutamos para sermos independentes. Nós lutamos para alcançarmos a paz. Era para termos um melhor futuro, para podermos trabalhar melhor porque a guerra não deixava trabalhar. A guerra não deixava produzir. A nossa maior recompensa não é esperar por dinheiro. E lutar não é produzir dinheiro. Lutar é produzir condições para produzir dinheiro. E as condições para produzir dinheiro são a paz. São a paz! Sem a paz, as estradas não andam. Os carros não andam. As escolas não funcionam. Os hospitais não funcionam. Guerra (...)

(...) Se participam na luta para acabar a guerra, nossa maior recompensa é quando a guerra acaba. Então, nós podemos todos trabalhar para produzir riqueza. É isto que devíamos ver!

Foi aqui apresentado o problema do milho da machamba. Os porcos que comeram o milho da machamba e depois foi ter com o secretário e o secretário não resolveu. Levou o problema para a polícia e a polícia não resolveu! E disseram para levar o problema ao procurador e ainda não está resolvido. Este companheiro está a pôr um problema central. Um problema central. Quando nós dizemos que queremos combater o deixa-andar, o deixa-andar é isso! O cidadão tem que ter confiança nas instituições. Quando vai apresentar um problema às instituições, tem que ser respondido! Esta é a responsabilidade dos funcionários. É por isso que vamos continuar a lutar, com mais força ainda, para acabarmos o burocratismo. A lutar para acabarmos com o deixa-andar!

Há também aqui o problema do emprego. Apresentou o problema do desemprego – e diz o jovem que apresentou o problema do desemprego – que há regionalismo. E depois ele prova que há regionalismo. Nas instituições do sul, os que não são do sul e são do norte, não passam. E ele diz mais: que ele próprio foi para Quelimane, fez exame da farmácia e chumbou. E chumbou. Não passou, portanto. Ele não diz que foi o exame mal feito. Ele diz que é por ser do norte. É uma maneira de ver. Mas eu penso que não é bom correr para discriminação! Meu irmão, estuda. Estuda, estuda mesmo! Vai passar. Vai passar!

Também foi aqui apresentado o problema dos jovens que roubam. Os jovens que roubam no mercado. Então, o companheiro que estava aqui a falar diz: em vez de roubarem, combatam a pobreza. Este país tem belas águas. Tem bom solo. Façam telha. Façam tijolo. As mulheres façam panela – olaria – e vendam. E eu concordo com ele! Os jovens, mesmo aqueles que não roubam, organizem-se! Não vão encontrar o trabalho que querem, mas vão produzir o vosso trabalho e esta província vai se desenvolver mais. Se fizerem tijolo, alguém vai comprar. Se fizerem telha, alguém vai

comprar. Se fizerem machamba, produzir, alguém vai comprar aquilo que vão produzir. Vamos todos combater contra o desemprego!

Seria bom que amanhã, quando tivermos outra reunião, estivéssemos a discutir como aumentar a produção. Se é preciso ter bois para tracção animal. Se é preciso ou não ter fertilizantes para aumentar a produção. Se é preciso ou não electrobomba, como ele pede, para poder produzir. Essa já é discussão dos que trabalham! Por isso, eu penso que devemos pegar este conselho seriamente!

Aqui também falam de escola de artes e ofícios que não são suficientes. Niassa tem sorte porque tem algumas, mas não são suficientes! Isso é verdade. No nosso Governo, uma das preocupações que nós temos é criar escolas profissionais. Escolas profissionais para permitir que os nossos jovens possam aprender uma profissão. E eles próprios produzirem o seu emprego. Também falou-se da necessidade de algum material para poder aumentar a produção. Nós registamos.

E finalmente, houve uma intervenção do régulo que apresentou a necessidade de todos nós nos envolvermos no combate contra SIDA! É verdade. Todos nós temos que nos envolver! Eu tenho alguns problemas que não me deixam dormir a vontade. Que não dá para dormir a vontade. Um deles, o maior, é a pobreza. Não dá para dormir. A gente dorme e diz mas os moçambicanos são trabalhadores que são... Aqui a natureza tão rica que é, porque é que somos pobres? Não dá para dormir! Eu gostaria que vocês não dormissem! Se vocês não dormirem, a pobreza vai acabar porque havemos de trabalhar todos. Em pouco tempo havemos de ter comida em casa. Havemos de ter roupa em casa. Havemos de ter aquilo que nós queremos. A pobreza é uma das coisas que não me deixa dormir a vontade. SIDA é outra coisa que não me deixa dormir a vontade. E estão a imaginar quanta gente que está a morrer? Jovens inteligentes, com muita força, de repente desapareceram! Onde é que foi? SIDA levou! Estão a imaginar como dói isso! Vamos nos juntar todos nós na luta contra a pobreza e na luta contra o SIDA!

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Lichinga hoje!

(Hoye!)

População de Niassa hoje!

(Hoye!)

Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoje!

(Hoye!)

Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoje!

(Hoye!)

Muito Obrigado!

(Palmas)

COMÍCIO DE MANDIMBA – 22 DE ABRIL DE 2007

(...) Saudar toda a população de Mandimba, em particular aos seus representantes aqui presentes. Queria saudar-vos pela alegria que nos transmitiram desde o momento em que nós aqui chegamos. Vimos essa alegria no aeroporto. Vimos essa alegria nas danças. Ouvimos a alegria nas canções. Isso tudo mostra que a população de Mandimba, tal como nós, está satisfeita. Muito obrigado Mandimba! (Palmas)

Quero também agradecer as actividades culturais que nós vimos aqui também, ao longo do caminho e aqui mesmo no nosso palco. Transmitiram esse mesmo calor. Quero em particular também agradecer a oração feita pelo padre da Igreja Católica e também pelo shehe da religião muçulmana que procuram através disso iluminar o nosso caminho. Procuram mostrar-nos o caminho verdadeiro para podermos continuar a trabalhar para este nosso maravilhoso povo. Muito obrigado! Continuem a rezar e a ajudarem-nos a ver o caminho.

Eu tenho duas mensagens. E depois de eu transmitir as minhas mensagens, eu espero também ouvir as vossas mensagens. Porque quando estamos numa reunião como esta, nós estamos num momento de convívio. Mas sobretudo num momento de aprendizagem. Aprendemos aquilo que noutras circunstâncias não poderíamos aprender. Por isso, nós estaremos atentos – depois de transmitir a nossa mensagem – a ouvir as vossas mensagens. Mas antes de transmitirmos as nossas mensagens ou de ouvir as vossas mensagens, gostaríamos de apresentar-vos os companheiros que estão comigo.

(seguem-se as apresentações)

Eu tinha dito que tinha duas mensagens. E depois de vos saudar e de agradecer pelo vosso carinho, pela vossa amizade, eu achei que era bom falar de dois assuntos. O primeiro assunto tem a ver com a questão da unidade nacional. A unidade nacional. A unidade nacional é alguma coisa que pode ser fonte de força. A unidade nacional foi ela que fez com que nós moçambicanos vencêssemos nas lutas que nós fizemos contra os nossos inimigos. Antes de termos a unidade nacional neste país nós sofríamos, sofríamos e não víamos quando é que o sofrimento havia de acabar. Nós dividíamo-nos em tribos. Dividíamo-nos em raças. Dividíamos em regiões de onde nós vínhamos e pensavamos que ser diferente era mau. Isto é se uma pessoa fala Yao e outra pessoa fala macua, ou outra pessoa fala chinyanja, ou outra pessoa fala chuabo, ou outra pessoa fala ndau, ou fala sena, que isso era mau!

Por isso, durante muito tempo nós não conseguíamos lutar contra a dominação estrangeira. Lutávamos sim, mas perdíamos sempre, porque cada um lutava do seu lado, até que nasceu a Frelimo e através do seu presidente Eduardo Chivambo Mondlane (...) Eduardo disse que a unidade valoriza as diferenças. As diferenças não são nada mal. Enriquece-nos quando usamos essas diferenças para alcançar o mesmo objectivo. E nós vemos em muitos exemplos no dia-a-dia, que as coisas diferentes juntas, quando são para realizar o mesmo objectivo avançam mais rapidamente e alcançam esse objectivo. Eu posso dar o exemplo da bola. Um grupo de 11 jogadores. Um dos jogadores é guarda-redes. Agarra a bola com as mãos. Os outros jogadores utilizam o pé esquerdo para rematar. Outros utilizam o pé direito. Uns jogam do lado esquerdo. Outros jogam do lado direito. E outros da zona central. Todos eles diferentes. O pé que utilizam pode ser diferente. Uns correm mais do que os outros. Uns utilizam a cabeça para jogar melhor. Uns saltam mais que os outros. Mas quando combinam as suas diferenças – quando combinam bem as suas diferenças – então são capazes

de ganhar e de chegar a baliza adversária. São diferentes, mas tem uma equipa. São diferentes, mas tem um objectivo. É assim no nosso país. É assim no nosso país. Nós temos pessoas que falam línguas diferentes, e utilizam essas línguas diferentes para poder ter força e para combater contra o inimigo. Temos pessoas que vêm de regiões diferentes. Que tem culturas diferentes. Uns têm mais mandioca do que milho. Uns têm mais mapira. Outros têm trigo. Outros têm batata. Outros é com peixe que vivem. Essa diferença toda faz de Moçambique um grande país. Faz de Moçambique um país capaz de vencer qualquer inimigo. Mesmo aqui onde nós estamos – aqui nesta reunião – nós somos diferentes, mas porque temos o mesmo objectivo de participar nesta reunião, estamos aqui todos unidos a procura de ouvir para sairmos daqui mais enriquecidos e realizarmos o nosso objectivo que é de acabar a pobreza. Aqui onde estamos somos diferentes:

Aqui há homens. Aqui há mulheres. São iguais? (Não!)

Aqui há crianças. Aqui há adultos. São iguais? (Não!)

Aqui há claros. Aqui há escuros. São iguais! (Não!)

Aqui há magrinhos. Aqui há um bocadinho.... (Risos) são iguais? (Não!)

Mas juntamos essas diferenças todas e estamos aqui todos preparados para ouvir, para aprender, para transmitir, para ensinar e sairmos daqui fortes, capazes de mudar para melhor a vida a nossa vida do nosso país.. É por isso, meus irmãos, que quando Mondlane descobre que a unidade se faz da diferença e diz que a diferença não é má – a diferença enriquece. É por isso mesmo que a partir daí a história do povo moçambicano virou. E a primeira coisa que foi feita foi tirar o colonialismo. O colonialismo que estava em Moçambique por quinhentos anos. Em 12 anos – porque os moçambicanos estavam unidos – saiu. Assinou acordo: diz que eu já vou para minha terra. E no ano seguinte ficamos independentes, por causa da unidade que é a grande força.

E é também por causa da unidade que a guerra que estava aqui no nosso país – para sair daqui para Ngauma – Massangulo ali – era preciso coluna. Para sair de Massangulo para Lichinga era preciso coluna. Mas quando nós moçambicanos resolvemos que aquilo que se passa neste país é nosso, de todos nós. Essa terra cobre todos moçambicanos. Quando sofre um moçambicano outro também sofre. Somos irmãos. Queremos todos viver em paz. Nós moçambicanos decidimos isso. Acabou a guerra. Acabou a guerra. Já se pode ir a pé, se quiser, até Massangulo. Já pode sair daqui a vontade para Cuamba, já não é preciso nenhuma coluna. Porque unidos nós somos fortes. Unidos não há inimigo que aguente connosco. **(Palmas)**

E a unidade mostrou: afastou o colonialismo! Afastou a guerra!

Agora, temos mais outro inimigo: todos nós moçambicanos desde o Rovuma até ao Maputo; desde o Zumbo até ao Índico, temos todos um inimigo: pobreza! Pobreza! **(Palmas)**

Nós moçambicanos somos pobres. Temos muita coisa boa, a começar pelo povo. Nós temos um maravilhoso povo. Um grande povo. Um povo raro. Um povo que é capaz de afastar o colonialismo é raro esse. O povo que é capaz de parar com a guerra é raro esse. Somos um grande povo. Mas somos pobres. Nós temos boa terra, mas somos pobres. Nós temos água nos rios, mas somos pobre! Nós temos água nos lagos – Lago Amaramba, Lago Niassa – mas somos pobres. Nós temos muita coisa escondida lá debaixo da terra, mas somos pobres! Então, o problema pobreza não está em procura qualquer coisa fora de nós. É utilizar a nossa unidade para poder transformar esta

riqueza em riqueza dos moçambicanos. E nós moçambicanos somos capazes de fazer isso. Eu tenho certeza que somos capazes! Eu repito: nós moçambicanos aqui, batemos o colonialismo! Nós moçambicanos aqui, acabamos com a guerra! Agora, é nossa missão acabar com a pobreza!

É por isso – minha segunda mensagem – é por isso que o governo da Frelimo decidiu que para acabar com a pobreza em Moçambique é preciso trabalhar no distrito. O distrito é o nosso centro. Para todos nós. Estão a ver, todo isso está distrito! No distrito é onde está a solução do problema da pobreza. A maior parte do nosso povo vive no distrito. Grande parte da nossa riqueza está no distrito. Mas o distrito ainda é pobre. Então, nós temos que ir para o distrito. Ou melhor, temos que estar no distrito. Melhor ainda, temos que transformar o distrito para que o distrito deixe de ser pobre.

E o que é o distrito deixar de ser pobre?

É o distrito ter escolas. Vocês falam de escolas aqui. Querem mais. É boa coisa essa. É o distrito ter escolas melhores ainda. É o distrito ter telefone. É o distrito ter energia. É o distrito ter hospital. É o distrito ter boa estrada. É as pessoas que trabalham no distrito melhorar a sua casa. É as pessoas que estão no distrito terem a loja onde comprar as coisas que querem. É as pessoas que vão ao distrito, poderem chegar lá e encontrarem um hotel onde viver. Isso é que é combater a pobreza. A pobreza não acaba num dia. Assim como a escola não acaba num dia: estudamos primeira classe, depois segunda classe, terceira... até, até... são muitos anos! A pobreza também não acaba num dia, mas cada dia deve ser diferente do dia seguinte. Cada ano deve ser diferente. Dois mil e seis foi um ano bom, mas dois mil e sete tem que ser melhor ainda. Dois mil e oito tem que ser um ano melhor ainda. Por isso, o distrito tem que ser a nossa base. Como estão a ver, nós aqui em Mandimba, temos algumas dessas coisas, mas não temos outras coisas. Temos algumas coisas, mas não temos todas as coisas. Temos hospital, mas ainda querem um hospital melhor, não é assim? **(Sim!)**

Ainda não temos. É sinal de que somos pobres. **(Palmas)**

Querem escola. Temos escola – vai até a décima classe, não é?. Mas querem ter mais. É sinal de que somos pobres. Então vamos todos nós trabalhar, para ir alcançando pouco a pouco aquilo que nós queremos. Então, o governo da Frelimo – o vosso governo – decidiu: primeiro, o distrito é que é o centro. Em segundo lugar, que no distrito para apoiar o administrador – para apoiar os membros do distrito – é preciso haver e funcionar um conselho consultivo. Conselho consultivo são as pessoas consideradas importantes pela população que se reúnem com o administrador e outros membros do governo e discutem os assuntos do distrito e então procuram ajudar a ver como resolver os problemas que nós temos. O conselho consultivo é para poder ver onde é que está a pobreza agora? O que é podemos fazer para resolver o problema da pobreza e aconselhar o administrador? O governo ainda fez outra coisa. Arranjou sete milhões. Sete milhões de meticais. Este dinheiro quem decide a sua utilização é o conselho consultivo. O administrador apresenta ao conselho consultivo e o conselho consultivo – segundo as propostas que houver – diz este dinheiro vai ser utilizado desta ou daquela maneira. No ano passado já se mandaram sete milhões. Este ano também um pouco mais, mas vamos chamar sete milhões. Quem decide é o conselho consultivo. Mas é para fazer o quê com esse dinheiro? Duas coisas. Duas coisas: aumentar comida e criar emprego no distrito **(Palmas)**

Nós temos muitos jovens. Nós temos muitos jovens. Alguns fizeram a décima classe. Alguns fizeram a sétima classe. Mas não têm emprego. Não têm onde trabalhar.
(Palmas)

Não se pode combater a pobreza enquanto as pessoas não trabalham. As pessoas não produzem. Como somos um país pobre, não podemos arranjar emprego de uma vez para todos. Então, dá-se aqueles sete milhões para arranjar maneira de arranjar emprego para a nossa juventude. E esse emprego é arranjado aumentando a comida. Melhorando as condições de vida. Por isso, o conselho consultivo tem a responsabilidade de escolher quem é aquele a quem vai emprestar aquele dinheiro. A quem vai emprestar aquele dinheiro, para emprestar somente aquele que vai aumentar comida e ou vai aumentar emprego. Vai fazer coisas para resolver esses dois problemas. Mas também tendo certeza que aquela pessoa ou aquelas associações que são emprestadas vão pagar. Vão devolver o dinheiro. Porque quando devolvem o dinheiro, vai permitir emprestar a outro. E outro vai arranjar emprego para outro. Vai permitir emprestar ainda a outro. E outro vai aumentar a comida. E vai emprestar ainda a outro. E esse outro vai transformar a comida. Vai fazer farinha de milho. É isto que preocupa ao conselho consultivo. Os sete milhões são para serem utilizados e gastos aqui no distrito. São para aumentar a comida e aumentar emprego para nossa juventude.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Se nós estivermos unidos. Se o conselho consultivo, o governo distrital e a população estiverem unidos, a fome e a pobreza vão acabar no nosso país. E muito rapidamente. E o distrito será o lugar onde vai desaparecer a pobreza. Eu disse que tinha duas mensagens. A primeira: unidade. A segunda: luta contra a pobreza. Para unidade: valorizarmos as nossas diferenças e trabalharmos todos para o mesmo objectivo. Para acabar com a pobreza, o distrito é que é o centro do país e depois há o conselho consultivo que ajuda a ver as questões. E o conselho consultivo tem sete milhões para gastar e arranjar mais emprego e mais comida, para garantir que aqueles que são emprestados devolvam o dinheiro para aquele dinheiro criar sempre noutros cidadãos a mesma coisa. Agora queria ouvir as vossas mensagens. Queria ouvir as vossas mensagens de oito cidadãos, para aqui. Eu só peço que não repitam as mensagens. O nosso objectivo é construir e avançarmos na luta contra a pobreza. Que dificuldades temos e como remover? O que é que nós ainda não vimos que devíamos ver para permitir que efectivamente acabe a pobreza?

(seguem-se as intervenções dos cidadãos)

COMÍCIO DE MASSANGULO, DISTRITO DE NGAÚMA – 23 DE ABRIL DE 2007

(...) Como é que podemos acelerar a nossa luta contra a pobreza. Porque o povo moçambicano, como nós sabemos, ainda não beneficiamos suficientemente dos recursos que esta terra nos dá. E para nós podermos fazer isso temos que ter clareza quanto ao nosso objectivo. Isto é, para onde é que queremos ir? O que é que queremos alcançar? E como é que queremos avançar para alcançar este objectivo. Mas, antes de falar destes assuntos, eu vou fazer duas observações:

A primeira, é de que me sinto satisfeito por me encontrar aqui nesta terra. Entre outras coisas, esta terra produziu dirigentes deste governo, que estudaram aqui há muito tempo. Alguns passaram dois anos, outros talvez um pouco mais e que hoje se encontram na direcção da República de Moçambique. Por isso, é com grande prazer que nós estamos aqui nesta terra que ajudou a formar quadros ao nosso país.

Também estou satisfeito, porque noto através das canções e das danças, que o nosso povo está satisfeito. São danças e canções de luta. São danças e canções que querem enterrar a pobreza. São danças e canções que mostram a certeza que nós temos de que vamos alcançar os nossos objectivos. E isto é uma coisa importante para nós. Quer dizer que o nosso povo aqui em Ngaúma está motivado para acabar com a pobreza. Quem está motivado, quer dizer que acredita que a pobreza pode cair. E acreditando que a pobreza pode cair, então podemos estar certos que com o nosso esforço a pobreza vai cair! **(Palmas)**

Quero agradecer as canções. Quero agradecer as danças. Também quero agradecer a oração. Nós os homens temos limitações. Não podemos ver longe. Não podemos ver muito longe. E não podemos ver bem o caminho por onde passamos. E como nós estamos a querer ir para longe, lá onde a pobreza já não existe; e como queremos ter a certeza de que pisamos terra firme, sólida e amiga, nós moçambicanos precisamos de ser iluminados. E quando numa reunião como esta há uma oração, agradecemos, porque permite ver e ter certeza que afinal havemos de chegar lá onde queremos chegar. Muito obrigado pela oração, e pedimos que continuem a ajudar-nos para nós vermos melhor o nosso caminho pela frente. Nós todos aqui, porque todos nós vamos para lá.

E ainda como algum comentário, queria agradecer as ofertas que aqui fizeram. De várias localidades. De várias individualidades. Muito obrigado pela vossa caridade, pela vossa amizade!

Uma parte daquilo que estão a nos oferecer aqui, nós também vamos dar a outros. E neste nosso país ainda temos muita gente que sofre. Temos criancinhas que perderam os pais e não sabem o que é que vão comer. Muitas criancinhas. Por causa de SIDA e por muitas razões, não sabem o que vão comer. Nós temos jovens nossos que estão a viver nos lares das escolas, e que nem sempre tem a melhor comida. As vezes não têm comida suficiente. Mas são jovens corajosos, que estudam, pois sabem que do estudo vão encontrar caminhos para que os seus filhos não passem pelas mesmas dificuldades. Nós temos doentes que estão no hospital, e que as vezes não há aquela comida que seria de desejar. Nós temos doentes de SIDA – que tem tratamento: no nosso país, felizmente, o tratamento do SIDA já está a chegar aos distritos. Mas o tratamento não tem efeito, não produz resultados suficientes, porque a comida que eles comem não é aquela comida desejável. Precisam de carne de cabrito. Precisam de farinha de milho e de outras coisas, para o organismo poder aguentar com aquele medicamento que é

muito forte. Por isso, uma parte daquilo que nos ofereceram, nós vamos enviar para estas instituições aqui na província de Niassa.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Generosidade do povo moçambicano hoye!

(Hoye!)

Isto é que se chama solidariedade. Isso é que se chama generosidade. E nós temos que continuar a valorizar isso. Mas como eu disse, a nossa preocupação é para lá onde queremos ir. A nossa preocupação é vencer a luta contra a pobreza. Mas antes de falar nisso, eu vou pedir aqueles companheiros que estão comigo para se apresentarem. **(Palmas)**

(seguem-se as apresentações)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Como eu estava dizendo, a nossa marcha é para acabar com a pobreza. Estamos a marchar todos para lá: Homens, mulheres, adultos, crianças. Todos querendo acabar com a pobreza. E estamos a marchar para lá. As vezes, algumas pessoas não se dão conta de que há pobreza. Mas aqui mesmo em Ngaúma, acabo de ouvir que a população tem consciência de que há pobreza. E que a população quer acabar com a pobreza. Na vossa mensagem estão a dizer que o governo melhorou muita coisa. Aumentou escolas. Aumentou a rede sanitária. Aumentou fontes de água, etc. etc.. Mas, também dizem e correctamente que ainda falta. Que há coisas que devem ser feitas. E aqui dão exemplos. Dizem que o distrito ainda não tem energia de Cabora Bassa **(Palmas)**.

Estão a dizer que aquela estrada que passa por aqui ainda não tem asfalto. **(Palmas)** Dizem que o sinal da TVM ainda não chega. Dizem que a rede da MCell também não chega. E dizem várias coisas. Isso quer dizer que nós fizemos alguma coisa. Mas ainda não chegamos lá onde queremos ir. Lá onde nós queremos chegar, há MCell, há televisão, há estrada alcatroada, há hospital maior, há energia, não é isso? **(É! Palmas)**.

Então, o problema que se coloca para nós é como chegar lá. Não se pode chegar num dia. Até para fazer machamba de milho, não é no dia que cultiva e que semeia dois grãos de milho, ou três grãos de milho, que nasce milho e sai maçaroca! Leva muito tempo. Por isso mesmo, também temos que compreender que vai levar muito tempo para acabarmos com a pobreza. Só podemos acabar com pobreza, se nós todos estivermos juntos. Se nós todos estivermos juntos!

O governo da Frelimo – o vosso governo – escolheu caminhos para lá chegar e disse: em primeiro lugar, a pobreza em Moçambique vai acabar! Vai acabar! Isso é importante. Acreditamos que vai acabar, assim como acreditamos que um dia de que a dominação estrangeira havia de acabar. E acabou. Assim como acreditamos um dia de que a guerra havia de acabar. E a guerra acabou. Estamos aqui todos nós juntos. O governo de Moçambique acredita também que a pobreza vai acabar.

Em segundo lugar, diz que para acabar a pobreza, é preciso que a batalha se faça no distrito. É no distrito onde temos condições para combater e vencer a pobreza. O distrito é o nosso centro. Nós vemos dirigentes de vários níveis a irem ver situações no distrito, para ver como resolver os problemas. A pobreza tem que acabar a partir do distrito.

Também diz o governo, que lá no distrito é preciso haver, existir e funcionar o conselho consultivo distrital. O conselho consultivo distrital, que é composto por pessoas que nós escolhemos – nós o distrito. Pode ser professor, autoridade comunitária, comerciante, camponês, ou outro, shehe, pastor, padre... pastor é padre protestante – aqueles que são respeitados na sociedade – para ajudarem o administrador a conhecer os problemas de pobreza e também propor formas de combater a pobreza. Para combater a pobreza pode ser preciso aumentar a machamba. Para combater a pobreza pode ser preciso colocar o produto que o camponês produziu na machamba. Para combater a pobreza pode ser necessário melhorar o trabalho no hospital. Pode ser aumentar alunos na escola. Pode ser fazer vias de acesso. Isso tudo, aquele grupo de pessoas que fazem parte do conselho consultivo é que devem ajudar o governo distrital.

Diz ainda o governo, que para este conselho consultivo funcionar bem deve ter dinheiro. E então, arranja sete milhões. Sete milhões. Para quê? Para aumentar a produção de comida e para aumentar emprego. Os nossos jovens poderem ter emprego. Para aumentar comida, aumenta-se cultivando mais. Produzindo mais.

Para aumentar emprego, cria-se, faz-se, arranjando-se coisas para as pessoas trabalhar e ganhar dinheiro: construção, machamba, mecânico, arranjar estradas, tirar capim da estrada... são maneiras de combater a pobreza. As pessoas terem alguma coisa no bolso e quando quiserem comer, quiserem vestir tirar alguma coisa do seu próprio bolso. É por isso que nós estamos preocupados. Como é que os sete milhões estão sendo utilizados no distrito? **(Palmas)**

E nós confiamos isso no conselho consultivo, que é um instrumento para combater a pobreza. Por exemplo, se aparece um cidadão que quer empréstimo para aumentar machamba, o conselho consultivo se achar que aquela pessoa é boa; se achar que aquela pessoa é trabalhadora; se acreditar que aquela pessoa vai produzir mais comida; e para produzir mais comida vai empregar mais gente – incluindo os nossos filhos, os nossos jovens – e também se acreditar que aquela pessoa vai pagar, vai devolver o dinheiro, então vale a pena emprestar, porque ele vai produzir comida. Vai dar trabalho. E vai devolver o dinheiro. E aquele dinheiro que devolve, há-de ir para um outro senhor ou para uma associação para fazer a mesma coisa. Quem conhece as pessoas do distrito, todas elas, é o conselho consultivo. Por isso, o conselho consultivo é que deve aprovar que é o fulano e não beltrano.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Há outras formas de combater a pobreza. Mas não podemos largar esta também. Não podemos largar esta também. Os sete milhões, sob direcção do distrito, orientado pelo conselho consultivo é para arranjar mais comida. É para arranjar mais emprego. E o dinheiro deve ser devolvido para termos a certeza que se hoje empregou 10 pessoas, amanhã vai empregar mais 10 pessoas e depois de amanhã vai empregar mais 10 pessoas, e assim vamos resolvendo o problema de desemprego que nós temos no distrito e assim estaremos a reduzir a pobreza no distrito.

Há um segundo elemento que eu gostava de apresentar. Para nós aumentarmos a produção e para nós usarmos melhor as coisas que nós temos para aumentar a nossa riqueza e a riqueza do distrito, e por essa via a riqueza da província, e por essa via a riqueza de Moçambique, temos que formar os nossos filhos. Eles vão a escola. Eles

estudam, mas nem sempre aquilo que estudam podem aplicar na vida prática. Mas Ngaúma tem sorte. Ngaúma tem uma escola que ensina a fazer coisas e que aquela escola a funcionar melhor – se conseguirmos ter mais alunos ali – daqui a quatro, cinco anos vamos ter maravilhas neste distrito. Ali a frente aprendem a fazer machambas. Ali a frente a tratar de peixe. Jovens nossos abrem tanque, põe peixe lá dentro. Até sabem dar de comer ao peixe. Até sabem quando é que o peixe é grande, quando é que o peixe é pequeno. Que esse peixe é para comer ou para vender. Isso aumenta as condições da nossa vida. E nós temos muitas zonas aqui que podem produzir também peixe!

E vi uma coisa impressionante também. Muitas árvores novas. Muitas árvores novas. Neste nosso país nós temos estado a dizer que temos que acabar com a destruição das árvores. Por isso mesmo, nas escolas estão a se plantar árvores. Cada criança, uma árvore! Quem é que estuda na escola que tem árvore, aqui? Quem é que tem árvore, aqui? Aqui não há ninguém, são adultos. Cada criança tem que ter árvore! Quando ele ter namorada, ou ter namorado, mais tarde, ele há-de ir para a escola mostrar: **eu estudei nesta escola e ela vai dizer: onde é que está a sua árvore?** E ele vai mostrar: **aqui está minha árvore.** Ah, aquele sim sabe o que vale a árvore. Ele sabe valorizar a natureza. Por isso mesmo, nós pensamos que aqueles jovens que têm sorte de estudar naquela escola, quando saírem dali hão-de aumentar a produção. Aquelas crianças que estão na escola primária, que já estão a plantar árvores – só aqui em Niassa, já estão plantadas cerca de cento e tal mil árvores, só este ano e ainda faltam cento e tal mil árvores para quando chegarmos em Dezembro dizermos: cada criança uma árvore! Cada escola toda a criança uma árvore e no próximo ano a mesmíssima coisa. E essa árvore é mangueira, é bananeira, é papaieira, é nespereira, etc.

Combatamos a pobreza. Para combater a pobreza, o distrito é o centro. Para poder fazer aquilo que nós queremos temos que acreditar e trabalhar bem com o conselho consultivo distrital. O conselho consultivo distrital tem sete milhões. Hoje já é mais, mas vamos dizer assim. Esse dinheiro é para aumentar emprego e aumentar comida. Até a comercialização é maneira de aumentar comida. E esse processo deve continuar a ser reforçado nas escolas. Nas escolas as crianças estão a plantar árvores – todas. Mas temos escolas que estão a ensinar profissão. E Ngaúma tem uma escola profissional. É preciso aproveitar ao máximo as capacidades que esta escola tem para aumentarmos a nossa produção.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Posto isto, eu queria pedir os vossos conselhos. Assim, queria pedir oito cidadãos para virem aqui aconselhar-nos. Eu queria pedir que não repetissem todos a mesma coisa. E queria pedir que fossem directo ao assunto. Porque se fala muito, pode se perder. Mas se vai directamente ao lugar, a gente vai conhecer onde é será mais fácil. Queria pedir oito cidadãos: pode ser homem; pode ser mulher; pode ser velho; pode ser adulto; pode ser criança – já estive em comícios em que vieram crianças que apresentaram problemas muito sérios. Eu disse: se o nosso país crescer como essa criança, estamos bem!

Moçambique hoye!

(Hoye!)

(seguem-se as intervenções dos cidadãos)

Muito obrigado por estas grandes lições que o nosso povo nos oferece. De facto, eu enquanto ia escutando dizia que nós ainda temos muito que aprender. E aqui

tivemos oportunidade de aprender. De aprender mais alguma coisa. Nós anotamos as preocupações apresentadas. Anotamos e, naturalmente, vão servir de base para compreendermos melhor a situação de Ngaúma. Mas uma coisa impressionante é que praticamente quase todas as intervenções são contribuições na luta contra a pobreza. A maior parte dos que vieram intervir falaram dos problemas e preocupações do povo. Falaram das escolas, que não tem tectos, que não tem carteiras, e que devemos procurar melhorar.

Falaram de hospital, que não tem energia e nem maternidade e que pediam para se ampliar e se garantir energia. Falaram dos problemas dos preços que são praticados na fronteira. Se perguntaram: **porque é que nós não temos aqui possibilidade de vendermos os nossos produtos?**

Falaram dos ratos que passaram connosco para a montanha, lá onde havia a fruta, mas chegaram primeiro e foram roendo a fruta. Falaram do milho. Que lá as pessoas não se beneficiam dele.

Também falaram da utilização dos sete biliões. Ou dos sete milhões.... (há interferência do ruído dos motores de helicópteros a sobrevoar)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

E fizeram uma pergunta interessante. Porque é que os sete milhões são entregues a aquelas pessoas que têm alguma coisa e não se entrega a aqueles que não têm nada. **(Palmas)**

É uma coisa muito interessante esta. Isto tem a ver com o como é que o dinheiro chegue para a maioria. (de novo o ruído dos motores de helicópteros a sobrevoar)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique é grande, não é? **(É!)** Nossa terra está no ar também. Voa como os pássaros.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Falaram aqui também deste problema da distribuição do dinheiro. Eu vou esclarecer em poucas palavras. Este dinheiro não é oferecido a ninguém. O dinheiro não se dá. Se der o dinheiro, o dinheiro vai ser gasto sem produzir nada. Este dinheiro é para dar aquelas pessoas que vão empregar mais gente. É a maneira de distribuir o dinheiro. Que vão aumentar a produção. Aqui falaram de uma coisa importante: comercializados. Fazermos lojas para as pessoas poderem vender. Aquelas pessoas que sabem fazer isso. Se o dinheiro nos chegar, vai permitir empregar outros que não têm possibilidade. Vai permitir que estas pessoas também tenham dinheiro. Portanto, a questão que se coloca não é distribuição de dinheiro. A questão que se coloca é como criar emprego para todos poderem ter dinheiro. E, como não é possível todos terem dinheiro logo à partida, então, a preocupação é com pouco dinheiro que nós temos, arranjar-mos empregos para alguns. E esses alguns devem devolver o dinheiro para se entregar a outros, que também vão criar emprego para as outras pessoas. Este dinheiro é para criar dinheiro. É para fabricar dinheiro aqui no distrito. É para produzir emprego.

Aqui também alguém apresentou o problema de trabalho. O trabalho aqui em Moçambique não tem nada a ver com o partido. Ou sabe trabalhar ou não sabe trabalhar. Ou sabe trabalhar ou não sabe trabalhar. E algumas pessoas as vezes dizem é porque eu sou daquele partido ou doutro partido, não é isso não! O enfermeiro é enfermeiro. O professor é professor. O machambeiro é machambeiro. Não é o partido. É aquilo que faz, aquilo que ele produz para o povo poder ter. Mas, os meus conselheiros estiveram a seguir todas essas questões que foram faladas aqui e vão falar com as pessoas para ver qual é a base, para depois poderem aconselhar.

A última intervenção que foi feita aqui tem a ver com Itepela. Sim, hei-de ir a Itepela, sim. Na próxima oportunidade eu espero ir a Itepela, para poder aprender também com as populações de Itepela.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Muito obrigado!

(Palmas)

COMÍCIO DE NIPEPE – 24 DE ABRIL DE 2007

(...) Na recepção havia canções, havia danças. E mesmo aqui, vimos que existe muita alegria. Muito obrigado pela vossa alegria! **(Palmas)**

Queria também agradecer as ofertas. As ofertas que acabam de ser anunciadas. Nós sabemos que não é fácil oferecer, sobretudo quando aquele que está a oferecer tem pouco. Mas por causa do amor, por causa da amizade, tira pouco para dar-nos. Muito obrigado por esta solidariedade!

Agora, antes de eu falar das minhas três mensagens, eu gostaria que conhecessem os dirigentes que estão comigo. Eles vão se apresentar. Eles vão dizer um bocadinho o trabalho que fazem, para verem quanta gente trabalha em Moçambique para resolverem os nossos problemas. Quando eles falarem hão-de ver que **ah afinal de contas isto que eu faço é aquele que resolve!?** E aqui não estão todos.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Façam favor!

(seguem-se as apresentações)

Agora as minhas mensagens. Eu disse que tinha três mensagens. Estas mensagens todas têm a ver com a luta que nós todos estamos a fazer. Nós todos moçambicanos, desde o Rovuma até ao Maputo. Aquilo que nós todos queremos, estejamos onde estivermos, é que em Moçambique a pobreza acabe. Porque se não acaba a pobreza, nós continuaremos a sofrer.

Apesar de termos um maravilhoso povo, apesar de termos muitos recursos - terra muita rica; com mangueiras e muitas outras plantas; até dá amendoim, e bom amendoim; com muita água; com muitas montanhas – isto tudo que nós temos não nos tira, contudo, da pobreza. Então a nossa tarefa é usar isso tudo – pessoas e recursos naturais – para

acabar com a pobreza. Essa é a nossa preocupação central – de todos nós. E então o que é que nós fazemos? Além daquilo que é normal, ter escola – estamos a dizer aquela escola, aquela escola – é do tempo colonial, não é? Escola pequenina. Pouca gente pode estudar ali. E olhamos para ali, para trás: escola grande! É a Independência que fez! Apesar disso, ainda há muita coisa que falta ao povo. E aquilo que disseram na mensagem mostra isso. Por isso, para combater contra a pobreza, o vosso governo decidiu que temos que trabalhar com o distrito. É no distrito onde existe maior pobreza.

Nós temos agora escola grande. Agora já se pode estudar na escola secundária até 10^a classe. Mas quando terminar 10^a classe haverá muitas crianças que não terão escola para continuar. Isso é pobreza. Então, para acabarmos com a pobreza, o nosso governo diz que é o distrito o ponto de partida. É ir resolvendo os problemas, como está sendo feito, aliás. Mas também há outras coisas que é preciso fazer. Então, o governo decide que é preciso que as pessoas no distrito possam fazer decisões. Fazer decisões é escolher. É escolher o que queremos, ou então é excluir o que nós não queremos. Quando uma pessoa quer escola; outra pessoa quer hospital; outra pessoa quer loja; outra pessoa quer estrada; outra pessoa tem problema de elefante que ataca a machamba – é preciso alguém decidir o que é que vai fazer primeiro. O que é que ajuda mais o nosso povo naquele momento. Então, o vosso governo diz que é aqui no distrito onde tem que se fazer isso, através do conselho consultivo distrital. Conselho consultivo distrital. Nós temos o conselho consultivo distrital, não temos? **Temos!**) Podem se levantar os membros do Conselho Consultivo.

Estão a ver? Conselho consultivo distrital! Estão aqui e estão ali! Muito obrigado!
(Palmas)

A importância do conselho consultivo é que eles conhecem os problemas da população, porque fazem parte da população. Então, quando há esses problemas todos, eles devem sentar-se e dizer o que é que devemos fazer para apoiar a administradora. Para apoiar o governo distrital. E a preocupação deles, central, deve ser combater a pobreza. Eu gostaria que não se esquecessem disso. Todos nós queremos acabar com a pobreza. Primeira mensagem é: para acabar com a pobreza é o distrito. E no distrito há o conselho consultivo distrital. Sem conselho consultivo distrital **ohawa** não acaba! Portanto, o conselho consultivo é o instrumento para acabar com a pobreza.

Segunda mensagem: o governo disse é preciso também que o conselho consultivo tenha alguma coisa para mudar a situação. Para dizer **como fazer isso?** mas com alguma coisa. É como um camponês, que ele é camponês e mostra o seu campo. Esta é sua machamba. Para ele poder cultivar, ele tem que ter alguma coisa. Não pode cultivar com os pés. Pode? **(Não!)** Tem que ter algum instrumento para cultivar. Tem que ter enxada. Não é assim? **(É!)**

Então, também o governo deu alguma coisa ao conselho consultivo para combater a pobreza. E essa alguma coisa são sete milhões. Entrega ao distrito e então a administradora informa: nós temos este dinheiro. E o conselho consultivo diz: vamos usar como? Então, de novo eu peço a vossa atenção. Os sete milhões são para aumentar a comida e são para arranjar emprego aos jovens. A comida que nós produzimos pode ser muita, mas não chega para o país. É preciso que se produza o máximo de comida para poder chegar nas cidades também, onde não há machamba. É isso que vai resolver o problema de comida do país. Por exemplo, para poder produzir mais, é preciso aumentar o campo. Aumentar a machamba. E para aumentar a machamba, pode não

ser possível com enxada só. E então pode ser preciso trazer bois e os bois utilizarem charruas. Uma junta de bois faz machamba grande. Portanto, vai produzir muita comida. É esse trabalho que nós estamos a dizer. Aumentar a produção de comida.

A segunda coisa, é aumentar emprego. Os nossos jovens já estão na idade de trabalhar, alguns. Mas não sabem onde trabalhar. Não sabem onde trabalhar. Deixam a machamba do pai e andam a procura de trabalho. Não sabem que estão a deixar trabalho. O trabalho está ali. O trabalho não é produzir, afinal? Eu vou vos explicar. O professor trabalha, não é? (Sim!) E chega no fim mês e ganha? (Dinheiro!) Dinheiro! Dinheiro para quê? (Para comer!) para comer, exactamente! E também para outras coisas! Também em casa, nós cultivamos. É para ter comida. É trabalho. Agora, aquilo que eu preciso é aumentar a produção e os nossos filhos que tiveram a sorte de estudar na escola grande podem fazer nós aprender como a machamba dar mais amendoim; como a machamba dar mais milho; ou dar mais mapira; ou como os cabritos reproduzirem mais. É por isso que se estuda. Não é estudar só para olhar machamba ou estudar para olhar cabritos. É para aumentar a produção. É para aumentar a produção. E isso é dar trabalho. Por isso mesmo, esses sete milhões, quando chegam para produzir aquilo que nós estamos a dizer – produzir comida e emprego – devem ser emprestados a alguém – que ou tem loja ou sabe fazer loja; quer comprar produtos da população para as pessoas poderem cultivar mais; ou então quer construir casas para os quadros, os professores, poderem ter boa casa – mas não tem dinheiro ou não tem dinheiro que chega. Mas nós conhecemos que são pessoas sérias. Temos que conhecer que são pessoas sérias. Conhecer significa que o conselho consultivo reunido deve concluir que sim, fulano de tal a gente sabe. Então, empreste-se dinheiro, dizendo: é preciso dar emprego. Vai dizer se vão trabalhar 10 jovens ou 5 jovens ou 20 jovens para no fim do mês terem dinheiro para poderem comprar comida. Isto é que é combater a pobreza. Mas, depois de empregar as pessoas, tem que dizer quando é que vai pagar. Porque tem que pagar. O dinheiro do Estado não é de graça. Esses sete milhões vêm de impostos. As pessoas pagam impostos para resolver os problemas do país. E o país então decide que tem que fazer daquela maneira aumentando emprego e aumentando comida. Por isso tem que pagar. Tem que pagar. Não podem deixar de pagar. Quando chega aquele dia não há desculpa. Quando chega o dia de pagar não há desculpa. É chegar tirar dinheiro e pagar. Quando começa a arranjar desculpa, ei está mal! Porque aquele dinheiro é preciso para dar a outro, para dar mais emprego às pessoas. Estão a compreender bem? (Estamos!)

Os sete milhões não podem dar emprego a todos nós – aqui na sede, nas localidades – não é possível fazer isso. Temos que escolher pessoas sérias que recebem uma parte. Dez meses depois devolvem e o conselho consultivo arranja para outros e assim arranja mais empregos para pessoas. E depois também paga. E depois arranja para outros, para poder resolver o nosso problema de pobreza comum. O nosso problema comum é a pobreza. A pobreza combate-se com trabalho. E uma das coisas que nos preocupa na pobreza hoje é a fome. E o conselho consultivo é que tem o segredo. As pessoas que pedem emprestado, o problema deles é discutido na reunião. É na reunião, que deve assinar o documento a dizer que eu pedi emprestado isto, eu vou empregar tantas pessoas e eu vou aumentar a produção disto. E vou pagar daqui a tanto tempo. E depois quando chega aquele momento deve ir apresentar a conta.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Essa é a minha segunda mensagem. A primeira mensagem: distrito é o lugar onde se combate a pobreza. Enxada para combater a pobreza é o conselho consultivo.

Segunda mensagem: sete milhões para comida e emprego. Dinheiro que é emprestado tem que ser devolvido. Aos nossos filhos para eles poderem trabalhar. E trabalhando, assim podem ajudar a resolver os problemas.

A terceira mensagem: este ano teremos eleições da província. Cada distrito vai ter pessoas que vão concorrer. Eleições é escolher. É escolher o futuro que nós queremos. Se nós queremos acabar com a pobreza ou não. Se nós queremos ter mais escolas ou não. Se nós queremos ter mais energia ou não. Porquê? Porque quando escolhemos colocamos aquelas pessoas que concordam connosco. Aquelas pessoas que pensamos que vão fazer aquilo que nós queremos. Por isso, é fundamental isso. Vai haver eleições. O meu apelo: todos aqueles que são adultos, que têm mais de 18 anos, é preciso ir escolher. Escolher o futuro que querem. E essa escolha vai ser feita este ano e essa escolha vai ser feita de novo em 2009. Mas para poder votar – poder escolher – tem que ter cartão de eleitor. Se não tem cartão de eleitor, não pode. Se não tem cartão de eleitor, não pode. Tem que ter cartão de eleitor. E o cartão de eleitor encontra-se durante o recenseamento. Vai haver recenseamento daqui a pouco. Recenseamento eleitoral. Então, aí todos aqueles que têm 18 anos ou mais devem ter cartão de eleitor. Sabem, nas eleições passadas, há muita gente que não votou, e foi muito mau. Uns não votaram porque as mesas onde eles deviam votar já tinham sido deslocadas. Outros não votaram porque já tinham mudado de casa. Mas há muita gente que não votou porque não tinha cartão de eleitor. Não tinham cartão de eleitor. Chegou o dia de eleger, foi lá para casa nos caixotes, nas malas, abriu e não havia nada: ou o rato comeu ou então qualquer coisa aconteceu. Não tinham cartão de eleitor. Assim não votaram. Há muita gente que fez isto. Que andaram a fazer campanha, mas não tinham cartão de eleitor. Por isso, o nosso apelo: quando chegar o momento de recenseamento, todos aqueles que têm 18 anos ou mais, ir buscar cartão de eleitor e guardar muito bem. E guardar muito bem mesmo, para quando chegar o momento de eleger, ir votar.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Nipepe hoye!

(Hoye!)

Eu já apresentei as minhas três mensagens. Vêm do coração. A primeira mensagem: distrito é onde se combate a pobreza. Quer dizer, deve sempre haver no distrito, cada ano que passa, mudanças. Eu passei algum tempo aqui em Nipepe. Agora já vi algumas mudanças. Vi uma casa nova ali onde aterrou o avião. Estão a construir. É uma mudança essa. Mas podemos ter mais mudanças. Tem que haver mudanças no distrito.

Segunda mensagem: para podermos fazer isso nós temos que usar bem os sete milhões, através do conselho consultivo distrital.

E, finalmente, a minha mensagem é: vai haver recenseamento. Nós precisamos de ter a certeza que aqueles que são adultos, efectivamente se recenseiam e depois de se recensear, com cartão de eleitor, vão votar.

Eu queria chamar oito cidadãos também para transmitir mensagens para nós aprendermos e podermos compreender melhor. Por exemplo, os elefantes continuam ainda a assaltar? **(Continuam!)**

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Então, tragam as vossas mensagens para aqui. Oito!

(seguem-se as intervenções dos cidadãos)

(...)

E esta coisa que nós estamos a aprender, exactamente tivemos a oportunidade de conhecer aqui. Na essência puseram-se problemas de desenvolvimento. E alguns até puseram propostas de como é que Nipepe pode desenvolver-se. E disseram mais. Que Nipepe já não é o mesmo. Mudou. E mudou para melhor. Eu estou satisfeito. Se o vosso sentimento é esse, eu estou satisfeito. Mas, sobretudo porque eu sei que querem mais. E aqui propuseram coisas para poderem ter esse mais:

Falaram da maravilha de termos bois aqui em Nipepe. Também falaram de que estes bois não são para aqueles que receberam apenas. É para reproduzir e ir distribuindo para as outras pessoas. É como uma semente. A gente enterra na terra e depois nasce. Se for bananeira então, nem morre. Ou então se for bambu nem morre. Nasce e vão nascendo novas socas. Portanto, os bois que chegaram não são para ficar com uma pessoa. São para nascer, nascer, nascer, nascer! É isto que vai fazer com a pobreza.

Também falaram do trabalho da administradora. Dizem que estão satisfeitos e que se preocupa com população e que gostam muito desse trabalho.

Pediram algumas coisas: ponte sobre o Rio Lúrio, para poder facilitar o contacto com Nampula e uma outra ponte não sei para onde é que vai. (Marrupa!) Marrupa, ah está bom, está bom!

E falaram do problema dos crocodilos dos rios. Eu estou a dizer aquilo que disseram, porque a resposta não pode chegar num dia. A resposta vai chegando pouco a pouco. Assim como a escola não foi feita num dia. Levou muito tempo a fazer, e mesmo assim continuam a pedir mais escolas. E é justo que se peçam mais escolas. Mas não se pode dar escola num dia. Algumas coisas que pedem até nem podemos dar. Mas para mim, o mais importante é que aquilo que estão a pedir são coisas para o desenvolvimento. São coisas para acabar com a pobreza. Com este espírito sempre encontrarão maneira de lutar, de dar a volta assim ao problema da pobreza.

Tivemos também aqui alguém que diz que do dinheiro que recebeu como desmobilizado, comprou três moto-serras, mas que tem falta de coisas ainda. E disse mais. Que há coisas que se vão comprar fora – como portas e janelas, e talvez carteiras – que podiam ser feitas aqui, porque a madeira existe. Até falou das minas também. Eu gosto muito desse espírito. De pessoas que vem longe. O que importa é que saibam que ainda estão aqui. E vamos trabalhar para ver se conseguimos todos chegar lá, sobretudo nessa coisa de querer transformar Nipepe numa coisa mais avançada em pouco tempo. É muito bom este espírito.

Falaram também do hospital, que não está bem. Que não está bem. Que não tem latrina, cheira muito mal e pediram para se resolver o problema do hospital. E também falaram do problema da devolução daqueles que ficam bem em Cuamba. Que normalmente alguém fica doente vai a Cuamba, tratam e depois ficam bem e fica por lá. Não há carro para voltar. São as dificuldades que nós estamos a ter.

Falou-se ainda da transformação dos produtos que são feitos cá: amendoim, gergelim, e depois mais tarde alguém falou de fábricas e que essas fábricas podiam também dar emprego as pessoas. Naturalmente, para fazer fábrica precisámos de muita coisa que nós ainda não temos aqui, mas que nós temos que lutar para ter essas coisas aqui. E então, quando tivermos essa coisa é mais fácil dizer a uma pessoa que quiser investir, faça favor de investir em Nipepe.

Falaram também dos grupos vulneráveis, que precisam de apoio. E, naturalmente, alguém falou da fábrica de rebuçados para os filhos dele. Nós registamos. Eu digo, é um assunto bom para ser discutido com o conselho consultivo. Na essência, o importante é que aquilo que apresentaram como ideias, são ideias para acabar com a pobreza. E nós temos que ver qual das coisas que foram ditas é possível fazer hoje, e quais são as coisas podem esperar.

Eu apresentei três mensagens. A mensagem de que o desenvolvimento nasce do distrito. E por aquilo que disseram mostra que também acreditam na mesma coisa. É no distrito e deve ser o conselho consultivo distrital um dos instrumentos;

A segunda mensagem era a maneira de utilizar os sete milhões, para os sete milhões produzirem e não cessarem de produzirem, aqui no distrito;

Em terceiro lugar, falei das eleições. Vão chegar as eleições aí. É preciso votarmos. Todos os moçambicanos votar. Aqueles que têm 18 anos e mais. Para votar é preciso o cartão de eleitor. Cartão de eleitor encontra-se através do recenseamento. Recenseamento eleitoral. E este recenseamento vai acontecer este ano.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Nipepe hoye!

(Hoye!)

Nipepe hoye!

(Hoye!)

População de Nipepe hoye!

(Hoye!)

População de Nipepe hoye!

(Hoye!)

Muito obrigado!

Palmas)

SAUDAÇÃO DE UNANGO, DISTRITO DE SANGA 25 DE ABRIL DE 2007

(...) Sentimo-nos encorajados por ver tantos jovens e também por termos ouvidos as mensagens que aqui foram apresentadas. Isso mostra que nós todos queremos a mesma coisa. Acabar com a pobreza. Isso tudo mostra que nós todos acreditamos na mesma coisa. Que podemos acabar com a pobreza. Porque para combater contra

alguma coisa e vencer, precisamos de acreditar. O camponês quando vai para a sua machamba e cultiva, acredita que cultivando, semeando, vai obter resultados. Portanto, quem acredita pode alcançar porque está motivado. Quer realizar alguma coisa. E por aquilo que nós dissemos aqui, sentimos que a população de Sanga, representado por vós aqui quer acabar com a pobreza e sabe que pode acabar com a pobreza. Acredita!

Isto para nós tem um sentido especial ainda, porque é aqui onde Samora Machel sonhou. E Samora Machel acreditou também que o seu sonho se vai transformar em realidade. Ele aqui encorajou a agricultura, a construção de infra-estruturas para fazer de Unango uma futura cidade. Ele acreditou. E estou a ver que os unangueses também acreditam. Ainda não temos a cidade. Mas vamos chegar lá. Com esta convicção vamos chegar lá. E depois hoje, quando nós sabemos, todos nós sabemos que daqui a pouco teremos universidade aqui! Vai haver uma universidade aqui em Unango (**Palmas**) Isso é um passo importante para transformar. A universidade exige entre outras coisas alguns edifícios. Exige professores. Exige alunos. Exige bibliotecas. Exige instituições e isso tudo junto vai continuar a fazer com que Unango continue a avançar para se tornar na cidade do futuro.

Bom, eu vou dar a palavra aos companheiros que estão comigo para se apresentarem e depois vou dizer algumas coisas. Infelizmente não será possível termos também as vossas contribuições. Eu costumo sempre ter alguém na reunião a vir nos transmitir as mensagens. Mas não será possível. Mas eu estou com consolado. Vocês tiveram há pouco tempo reuniões com dirigentes. Ainda foi há este ano, não é? E nestas reuniões colocaram questões. E estas questões foram apresentadas aqui há pouco tempo nas vossas mensagens. Por isso, conhecemos mais ou menos as grandes preocupações que têm e são preocupações recentes.

Sanga hoye!

(Hoye!)

(seguem-se as apresentações)

(...) mas estando como estamos aqui em Unango – aqui em Sanga – nós gostaríamos de dizer que a nossa preocupação, o nosso juramento permanece forte. O nosso compromisso é acabar com a pobreza. E nós acreditamos que é possível acabar com a pobreza. Porque nós sabemos que todo o nosso povo não gosta de ser pobre. E o nosso povo é um povo lutador. É um povo com o amor-próprio muito forte. É um povo que não desanima facilmente. Nem desanima mesmo quando luta para alcançar alguma coisa. E aqui onde estamos em Sanga temos experiências disso. O povo não desanimou quando fazia a Luta de Libertação – para libertar-se da dominação estrangeira. Nestas zonas havia bases. Nestas zonas havia escolas para fazer com que os moçambicanos pudessem compreender melhor as formas de luta contra a dominação estrangeira. E nesta zona realizou-se o Segundo Congresso da Frelimo em Matchedje, num momento em que havia crise. Havia pessoas que duvidavam se a Luta de Libertação Nacional podia conduzir à Independência. Mas neste congresso que se realizou em Matchedje – a primeira vez que moçambicanos de todo o país se reuniram num lugar dentro do território nacional no quadro da luta contra a dominação estrangeira – este congresso foi capaz de criar condições novas para avançarmos para a Independência. É fundamental isso. Nesta terra que tem esta experiência, nesta terra que tem as populações que passaram por esta experiência, nós acreditamos que temos energia para podermos vencer a pobreza.

No próximo ano – no ano de 2008 – vamos completar quantos anos de pois do segundo congresso? O Segundo Congresso foi realizado em que ano? **(1968)** 1968. No próximo ano vamos completar quantos anos? **(Quarenta anos)** Quarenta anos! O primeiro congresso em que os moçambicanos para lutar contra a dominação estrangeira, se encontraram e definiram linhas Por isso, Matchedje não está esquecido. Neste momento que estamos a falar há estudos que estão em curso para reconstituir aquele lugar. Sabem que naquele período havia delegações de todas as províncias. Naquele tempo, as províncias chamavam-se Cabo Delgado, Niassa, Nampula, Zambézia, Tete, Manica e Sofala – Manica e Sofala uma província – Inhambane, Gaza e Lourenço Marques. Lourenço Marques a cidade de hoje chamada Maputo e a província que hoje se chama Maputo. E naquele lugar ainda há lugar para cada delegação, com uma seta da Delegação de Lourenço Marques; da Delegação de Niassa. etc., etc. Isso tudo tem que ser reconstituído para recordar o que aconteceu. E depois havia a zona do salão onde se realizou o Congresso. Onde pessoas como Eduardo Mondlane discursou a apresentar o relatório do Comité Central ao Congresso. Onde pessoas como Samora Machel, ali também estiveram e falaram. Também vai mostrar o lugar – há um lugar – onde se fez a eleição do Presidente e do Vice-Presidente da Frelimo. Voto secreto! Mil novecentos e sessenta e oito!

Por isso, quando alguns andam a dizer que trouxeram a democracia, não sabemos de onde é que foram buscar a tal democracia, porque quem criou a democracia neste país foi exactamente a Frelimo. Neste país havia um governo fascista. Havia um governo colonialista que não permitia que os moçambicanos se organizassem. Que os moçambicanos participassem na escolha dos seus dirigentes. Quem escangalhou isso tudo, quem criou uma nova atitude foi a Frelimo. Foi a Frelimo que trouxe a democracia para o país. O resto são borreias! **(Palmas)**

Moçambique hoye!

(Hoye!)

No próximo ano vamos recordar isso. Felizmente há muita gente, há muitos combatentes que ainda são vivos e que se lembram de algumas dessas coisas. Eu espero que nesta altura, Sanga em peso vai mostrar aquele monumento histórico que tem no seu território e vai explicar às pessoas. Mas este é o passado. É o passado para construir o futuro. E o nosso futuro qual é? O nosso futuro é capacitarmo-nos para acabar com a pobreza. De novo Sanga pode desempenhar um papel importante. De novo Sanga pode desempenhar um papel importante quando se implantar aqui a Faculdade de Ciências Agrárias. Pobreza pode ter muita coisa, mas a coisa que choca mais é não ter comida num país como Moçambique porque ainda não temos quadros suficientes nesta área, apesar de termos muitas pessoas que estão prontas para trabalhar. Por isso, a Faculdade de Ciências Agrárias que vai ser implantada aqui nos próximos anos vai dar impulso ao nosso esforço de acabar com a pobreza. De acabar com a fome. E o nosso instrumento para acabar com a fome qual é?

Um: é no distrito onde acaba a pobreza. Dois: começamos pela comida. As pessoas terem qualquer coisa na barriga. Não dormirem a pensar se vai comer no dia seguinte. Sabem que quem tem fome, não pode pensar no amanhã. Não pode pensar no depois de amanhã. Tem fome. Pensa no que vai comer. Ou pensa naquilo que não pode comer, querendo. Por isso mesmo, a nossa preocupação é: para acabar com a pobreza, matar a fome! Além de outras coisas, é matar a fome!

Agora para matar a fome num lugar como Moçambique, nós precisamos de uma Revolução Verde. Uma Revolução Verde. Produzir comida em maiores quantidades

do que aquelas que nós produzimos hoje; de melhor qualidade do que aquela que nós temos agora e no maior espaço de tempo possível durante o ano. E para tal, a Revolução Verde exige que usemos adubos onde for necessário – porque há terras aqui que ainda não precisam de adubos. Mas quando a produzirmos havemos de precisar de adubos. Aliás, nós vemos mesmo que há pessoas que hoje cultivam este ano aqui, no ano seguinte no mesmo lugar e depois noutro ano deixa aquele solo repousar e vai cultivar noutro lugar. Não é isso que faz? (Sim!) É para quê? É para descansar o solo. Mas aquele solo podia não descansar se tivesse adubo. Portanto, é preciso adubo!

É preciso água. Não dependermos sempre da água da chuva. Se temos um rio, fazemos uma represa para podermos ter água e depois canalizarmos para regar a machamba. Depois é preciso melhorar a semente. Ter melhor semente. A semente pode permitir várias coisas. Produzir em grande quantidade e em melhor tempo. Com boa semente, podemos ter milho a produzir duas vezes ao ano. Isso faz com que aquele terreno produza duas vezes mais. Nós precisamos da Revolução Verde. E a Revolução Verde é que vai nos levar a produzir o suficiente no nosso país. E produzindo o suficiente vamos deixar de importar aquilo que nós temos. Vamos passar a exportar aquilo que temos a mais. E vamos fazer com que o preço da comida seja mais, mais, barato! Isso é combater contra a pobreza, e neste caso concreto acabar com a fome. Sanga tem uma oportunidade enorme para desempenhar um papel importante nesse processo. Vai ter aqui a nossa volta a Faculdade Ciências Agrárias, que é chave. Os jovens daqui perto já terão uma universidade aqui perto e os jovens de todo o país hão-de vir aqui aprender também. Portanto, a minha mensagem para a população de Sanga é: façamos a nossa luta contra a pobreza. Nós temos boas condições. Estamos num território em que se realizaram grandes acções de patriotismo. Estamos com uma população que tem uma experiência que mostrou que o nosso povo não desanima e estamos num momento histórico particular. Vamos celebrar a primeira reunião nacional feita por moçambicanos para discutir a sua Independência, em Matchedje. E vamos celebrar no próximo ano essa ocasião.

E finalmente, apesar das dificuldades que disseram aqui vai se implantar a Faculdade de Ciências Agrárias que são um instrumento fundamental na luta contra a fome e a pobreza!

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Sanga hoje!

(Hoye!)

Juventude moçambicana hoje!

(Hoye!)

Muito obrigado!

(Palmas)

INTERVENÇÃO NA ESCOLA PROFISSIONAL DE NGAÚMA, DISTRITO DE NGAÚMA – 23 DE ABRIL DE 2007

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Província de Niassa hoje!

(Hoye!)

Ngaúma hoje!

(Hoye!)

Escola profissional de Ngaúma hoje!

(Hoye!)

Muito bom dia!

(Bom dia!)

Nós estamos muito impressionados por aquilo que nós vimos nesta escola. É a aposta do nosso governo que para lutarmos e vencermos a pobreza temos que formar os nossos jovens na área técnico-profissional.

Para aumentarmos a produção de milho; para aumentarmos a produção de culturas da horta; para aumentarmos a construção de casas é importante termos o conhecimento científico. E nós tivemos oportunidade de em pouco tempo que aqui estamos, ver o trabalho que está a ser feito pelos alunos, naturalmente dirigidos pelos seus professores. Vimos o milho. Fomos ver a horta. Vimos o tanque de peixe, e também vimos as muitas plantas que aqui estão a plantar: tanto planta para fruta como planta para sombra. Isto mostra que nesta escola se aprende também fazendo, e que aqueles jovens que terminarem o seu curso aqui, quando voltarem para casa vão fazer a diferença na aldeia onde viverem. Vão saber construir; vão saber fazer machamba; vão ser capazes de tomar conta dos animais e sobretudo, na casa deles e na aldeia deles não vai haver falta de fruta. E não vai haver a falta de árvores de sombra, porque quando estiveram aqui aprenderam e faziam. Por isso, desejamos muita sorte e sobretudo, muita continuação de dedicação aos nossos professores para levarem avante esta formação. Esta informação é instrumento sólido de combate a pobreza.

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Ngauma hoje!

(Hoye!)

Escola profissional de Ngaúma hoje!

(Hoye!)

Muito obrigado!

(Palmas)

JANTAR COM OS EMPRESÁRIOS - LICHINGA

ABRIL DE 2007

(...) Também com o seu programa muito carregado, terem privilegiado um convite a minha pessoa e a minha delegação para estarmos em conjunto informalmente mas enriquecendo-nos mutuamente. Queria agradecer também pela forma como estão organizados. Começamos logo por cultura, com os famosos Massukos, que são um cartaz no país. Dizia alguém aqui: bom, eles são conhecidos no país e lá fora? Eu disse que lá fora não tenho muita preocupação. O certo é que aqui já são cartaz e isso é o mais importante. (Palmas)

E portanto, também por este poema recitado com todo o coração. Sabemos que o poeta não é pela primeira vez que se revela poeta, ou que se expõe mais uma vez como poeta, apresentando uma obra sua em circunstâncias como esta. Não posso deixar de agradecer também a simpatia e as preocupações que são apresentadas desta forma pelos nossos empresários em Niassa. Felizmente se fala como um ponto central de colaboração. De trabalhar em conjunto. De procurar soluções em conjunto. Soluções que se tem procurado antes, algumas das quais as vezes se encontram e há outras ainda andamos a procura. Isto é fundamental. Quando nós temos consciência de que o governo é parceiro do empresariado nacional, ou melhor, que o empresariado nacional é parceiro do governo; quando nós temos consciência que o governo de Moçambique sabe que não pode vencer a luta contra a pobreza sem o empresariado – é uma pedra fundamental – então o resto, mesmo que seja difícil, torna-se menos pesado.

E aquilo que nos é sugerido aqui, sem entrar nos pormenores, é que haja ou que continue a haver diálogo, a nível local e onde for necessário e quando for necessário a nível central. Aliás, havendo uma representação regional da CTA, ela se representa também em todos os encontros formais e informais que se realizam com o empresariado. Queria assim dizer que eu tomo muito naturalmente a peito as propostas que vão sendo feitas. Vamos estudá-las e vamos continuar com este nosso diálogo.

Acabamos de visitar a província de Niassa. A nossa impressão desta província é que ela continua a mudar. Continua a avançar. Eu fiquei impressionado com aquilo que vi nos distritos. Construções que não havia antes e – sobretudo mais do que construções – iniciativas e maior procura de soluções. Maior esforço em apoiar-se em recursos locais também – recursos locais intelectuais. O nosso povo é rico de sabedoria e as vezes nós esquecemos de olhar para ele e nós vemos que Niassa se preocupa. Sabe que o povo sabe alguma coisa e sobretudo que o povo pode ensinar, juntando com outros saberes que aparecem e de que esta província é dotada. Eu vejo que isso nos garante efectivamente que a pobreza está a ser um objecto combatido por todos ou por quase todos e por isso mesmo nós vamos vencer. Muito obrigado pela vossa oferta de jantar e de convívio. Muito obrigado pela vossa disposição sempre de trabalharmos em conjunto para vencermos a pobreza. E muito obrigado também pelas lições que nos dão tanto em formas de organização, cultura assim como em termos do vosso envolvimento no desenvolvimento económico desta bela e promissora província de Niassa. Obrigado. (Palmas)